

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
HISTÓRIA**

EURIPEDES PEREIRA GUIMARÃES FILHO

**HISTÓRIAS DE FÉ E TRADIÇÃO CULTURAL DA COMITIVA CAPIVARI:
Romaria de Muladeiros Devotos do Divino Pai Eterno**

**GOIÂNIA
2020**

EURIPEDES PEREIRA GUIMARÃES FILHO

**HISTÓRIAS DE FÉ E TRADIÇÃO CULTURAL DA COMITIVA CAPIVARI: Romaria
de Muladeiros Devotos do Divino Pai Eterno**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), para a obtenção do título de Mestre em História sob a orientação da Professora Dra. Renata Cristina de Sousa Nascimento.

Linha de Pesquisa: Poder e Representação

**GOIÂNIA
2020**

G963h Guimarães Filho, Euripedes Pereira
 Histórias de fé e tradição cultural da comitiva Capivari
 : romaria de muladeiros devotos do Divino Pai Eterno
 / Euripedes Pereira Guimarães Filho.-- 2020.
 86 f.: il.

 Texto em português, com resumo em inglês
 Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
 Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores
 e Humanidades, Goiânia, 2020
 Inclui referências: f. 80-82

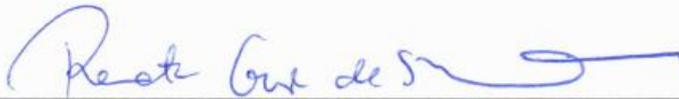
 1. Peregrinos e peregrinações cristãs - Trindade (GO).
 2. Devoção. 3. Religião e cultura. 4. Festas religiosas
 - Trindade (GO). I.Nascimento, Renata Cristina de
 Sousa. II.Pontifícia Universidade Católica de Goiás
 - Programa de Pós-Graduação em História - 2020. III.
 Título.

 CDU: Ed. 2007 -- 27-57(817.3) (043)

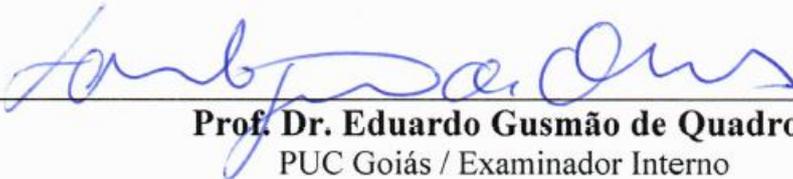
**HISTÓRIAS DE FÉ E TRADIÇÃO CULTURAL DA COMITIVA CAPIVARI:
ROMARIA DE MULADEIROS DEVOTOS DO DIVINO PAI ETERNO**

Dissertação aprovada em 18 de março de 2020, no curso de Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

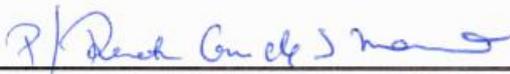
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Renata Cristina de Sousa Nascimento
PUC Goiás / Presidente



Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros
PUC Goiás / Examinador Interno



Profa. Dra. Rita de Cássia de Oliveira Reis
UFG / Examinadora Externa

Profa. Dra. Ana Lorym Soares
UFG / Suplente

Profa. Dra. Sibeli Aparecida Viana
PUC Goiás / Suplente

AGRADECIMENTOS

Neste momento de conclusão do trabalho acadêmico, a prioridade que se impõe é se voltar os olhos e o coração para Deus, e agradecê-lo pela presença e graça em minha vida. Como integrante da Comitiva Capivari, sinto-me honrado em prestar minha devoção na Romaria de Muladeiros. Por isto, pela inspiração, proteção, e pela certeza de que minha confiança e minha fé têm sustentação em alicerce profundo, o meu reconhecimento e gratidão. Muito obrigada Divino Pai Eterno, assim como a sua querida Mãe Maria Santíssima que sempre me acompanha e guarda.

Agradeço a todos da minha família, em especial aos meus pais Euripedes e Ednair que sempre acreditaram em mim e me ensinaram que jamais poderia desistir dos meus sonhos. A minha amada esposa Adriana Katia e minha filha Anna Clara por entenderem minha ausência em alguns momentos, pois, foi preciso me concentrar na minha pesquisa acadêmica, obrigado pelo apoio, vocês são muito importantes na minha vida!

A minha orientadora Dra. Renata Cristina de Sousa Nascimento pelo incentivo, compreensão e orientação na construção dessa dissertação, sua atenção e dedicação me mostraram que ainda existem pessoas que se preocupam com o crescimento intelectual do seu próximo! Obrigado por entender minhas fragilidades e aceitar-me como seu orientando.

“Os nossos pais amam-nos porque somos seus filhos, é um fato inalterável. Nos momentos de sucesso, isso pode parecer irrelevante, mas nas ocasiões de fracasso, oferecem um consolo e uma segurança que não se encontram em qualquer outro lugar”. Bertrand Russel

LISTA DE ABREVIATURAS E/OU SIGLAS

AFIPE – Associação Filhos do Pai Eterno.

CAR – Centro de Apoio ao Romeiro.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

OVG – Organização das Voluntárias de Goiás.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Medalhão de barro que deu origem à tradição de fé em Trindade – GO.....	22
Figura 2 – Capela construída em 1848 por Ana Rosa e Constantino Xavier, na região onde atualmente se situa a Igreja Matriz de Trindade.....	23
Figura 3 – Imagem do Divino Pai Eterno esculpida em madeira atribuída ao artista plástico Veiga Valle.....	25
Figura 4 – Matriz inaugurada no dia 08 de setembro de 1912, com a celebração da primeira missa na nova igreja.....	27
Figura 5 – Fotografia da igreja, inaugurada em 1920.....	30
Figura 6 – Igreja Matriz de Trindade Santuário Velho com vistas da parte externa e interna. A restauração foi realizada no final de 1984.....	32
Figura 7 – Santuário Novo vistas das áreas externa e interna (1974).....	33
Figura 8 – Maquete da edificação do Santuário Basílica A nova casa do Pai (2012) projetada para (2023).....	34
Figura 9 – Carreiro de Damolândia seguindo o trajeto rumo à festa do Divino Pai Eterno.....	37
Figura 10 – Saída em Romaria da Comitiva Capivari (2018).....	38
Figura 11 – Sala dos Milagres.....	40
Figura 12 – Portal da Fé que marca a entrada para Trindade.....	41
Figura 13 – Gotejamento de água benta.....	42
Figura 14 – Rodovia dos Romeiros ponto de acesso, aos romeiros devotos que vão a pé para o Santuário com várias paradas e pontos de apoio.....	43
Figura 15 – Abertura do Centro de Apoio aos Romeiros.....	45
Figura 16 – Vista panorâmica da cidade Jandaia (1984).....	48
Figura 17 – Mapa da localização de Jandaia – GO.....	48
Figura 18 – Comitiva Capivari em diferentes faixas etárias (2019).....	52
Figura 19 – Abertura do desfile de Cavaleiros e Muladeiros.....	53
Figura 20 – Mapa do trajeto dos devotos da Comitiva Capivari a Trindade – GO..	61
Figura 21 – Sr. Antônio Maurício dando as palavras iniciais na abertura da Missa	63
Figura 22 – Momento de Concentração Saída em Romaria da Comitiva Capivari (2019).....	64

Figura 23 – Fazenda Mocinha no primeiro pouso.....	65
Figura 24 – As acomodações para o descanso.....	66
Figura 25 – À esquerda a chegada e a direita a saída do segundo pouso.....	67
Figura 26 – Jantar do segundo pouso.....	68
Figura 27 – A primeira foto registra a chegada do terceiro pouso em Santa Maria a segunda foto a saída do pouso	69
Figura 28 – Chegada do quarto pouso na Fazenda Três Furnas.....	70
Figura 29 – Chegada a Matriz Velha.....	71
Figura 30 – Fita do beijamento santuário do Divino Pai Eterno Trindade (2013, 2015 e 2019).....	73
Figura 31 – Cumprimentos e agradecimentos aos Muladeiros.....	75

SUMÁRIO

RESUMO.....	11
ABSTRACT.....	12
INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I – A HISTÓRIA DA DEVOÇÃO AO DIVINO PAI ETERNO EM TRINDADE.....	18
1.1 A memória histórica da devoção.....	18
1.2 Romarias ao Divino Pai Eterno.....	35
CAPÍTULO II – SACRALIDADE E DEVOÇÃO NO MUNICÍPIO DE JANDAIA.....	46
2.1 A fundação da cidade.....	46
2.2 Religiosidade e devoção da população de Jandaia: Comitiva de Muladeiros.....	48
2.3 O Sagrado e profano: Turismo religioso e comércio na festa do Divino Pai Eterno.....	56
CAPÍTULO III – O PERCURSO DA ROMARIA A TRINDADE, TRADIÇÃO E NARRATIVAS DE PIONEIROS INTEGRANTES DA COMITIVA CAPIVARI.....	60
3.1 Percurso realizado pela comitiva da Fazenda Capivari até a cidade de Trindade.....	63
3.2 Narrativas de Pioneiros e Integrantes da Comitiva Capivari.....	71
3.3 O Trajeto Enquanto Peregrinação.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	80
RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS/AS.....	83
QUESTIONÁRIO DA PESQUISA.....	85

RESUMO

Esta dissertação pesquisa as histórias de fé e a tradição cultural da Comitiva Capivari Romaria de Muladeiros e devotos do Divino Pai Eterno visto que todos os anos milhares de pessoas são atraídos a Trindade – GO por ocasião da festa em louvor ao Divino Pai Eterno. Diversos grupos (carreiros, muladeiros, romeiros, ciclistas etc.) participam do evento, demonstrando a riqueza e a diversidade cultural presente no território goiano. Assim, o objetivo desta pesquisa consiste em entender a importância da devoção ao Divino Pai Eterno e as manifestações encontradas a partir das histórias de fé e tradição cultural da Comitiva Capivari Romaria de Muladeiros, conduzidas pelos pioneiros da região e Município de Jandaia, mantendo viva a religiosidade das gerações rumo a devoção ao Divino Pai Eterno. Quais são os elementos que permanecem como tradição popular ou religiosidade na Romaria do Divino Pai Eterno? Como a presença dos mais jovens mostra o sentido de pertencimento a uma tradição local? Quais elementos marcam o caminho para o lugar sagrado? Realizamos uma pesquisa bibliográfica, documental, de imagens, estudo de caso e entrevistas com os participantes da romaria, selecionados em três grupos de faixa etária. O estudo está fundamentado nos pressupostos de Halbwachs (1990), Eliade (1992), Pollack (1989), Giddens (1991), Quadros (2013), Pierre Nora (1993), Nascimento (2019) e Bosi (1994), buscamos discutir e registrar os aspectos históricos, culturais e sociais relacionados à história de fé desses devotos tomando por base a religiosidade popular, os elementos que constituem sagrado e o profano, as manifestações de fé e gratidão dos romeiros da Comitiva Capivari que ininterruptamente mantém a tradição cultural e religiosa de seus familiares, bem como entender e registrar as narrativas, memórias e devoção de seus participantes e o percurso realizado pelos tropeiros até o destino final que é a Matriz (Santuário Velho).

Palavras-chave: Comitiva Capivari; Devoção; Romaria de Muladeiros e devotos do Divino Pai Eterno; Manifestação religiosa e cultural

ABSTRACT

This dissertation researches the stories of faith and the cultural tradition of the Capivari Romaria Committee of Muladeiros and devotees of the Divine Eternal Father, since every year thousands of people are attracted to Trindade - GO on the occasion of the celebration in honor of the Divine Eternal Father. Several groups (paths, muladeiros, pilgrims, cyclists, etc.) participate in the event, demonstrating the richness and cultural diversity present in the territory of Goiás. Thus, the objective of this research is to understand the importance of devotion to the Divine Eternal Father and the manifestations found from the stories of faith and cultural tradition of the Capivari Romaria de Muladeiros Committee, conducted by the pioneers of the region and Municipality of Jandaia, keeping alive the the religiosity of the generations towards devotion to the Divine Eternal Father. What are the elements that remain as a popular tradition or religiosity in the Pilgrimage of the Divine Eternal Father? How does the presence of young people show a sense of belonging to a local tradition? What elements mark the walk to the sacred place? We conducted a bibliographic, documentary, image search, case study and interviews with the pilgrimage participants, selected from three age groups. The study is based on the assumptions of Halbwachs (1990), Eliade (1992), Pollack (1989), Giddens (1991), Quadros (2013), Pierre Nora (1993), Nascimento (2019) and Bosi (1994), we seek to discuss and register the historical, cultural and social aspects related to the history of faith of these devotees based on popular religiosity, the elements that constitute sacred and the profane, the manifestations of faith and gratitude of the pilgrims of the Capivari Committee that continuously maintains the cultural tradition and of their relatives, as well as understanding and recording the narratives, memories and devotion of their participants and the route taken by the tropeiros to the final destination which is the Matriz (Old Sanctuary).

Keywords: Capivari delegation; Devotion; Pilgrimage of Muladeiros and devotees of the Divine Eternal Father; Religious and cultural manifestation

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como premissa o entendimento da tradição religiosa e cultural da Comitiva Capivari: Romaria de Muladeiros dos devotos do Divino Pai Eterno, e pauta-se nas investigações acerca da dinamicidade dos patrimônios culturais, pois, envolve a memória e devoção de um povo. Neste sentido, apresentam-se algumas questões norteadoras: Como a Romaria de Muladeiros da Comitiva Capivari tem se estruturado ao longo do tempo? Como vem se renovando essa tradição, e, de que forma se tornou elemento de referência cultural para a população da cidade de Jandaia e região?

Vale ressaltar que atualmente, não se encontram registros históricos acerca destas manifestações religiosas da Comitiva Capivari. Portanto, pretende-se elaborar um produto capaz de contribuir com a historiografia de pioneiros, para as futuras gerações que participam do ato religioso. Nesta primeira abordagem, podemos perceber que as considerações sobre a cultura religiosa, a tradição, o espaço religioso e suas relações com as representações sociais são fundamentais para a investigação realizada.

Procura se compreender como a Comitiva Capivari se estruturou ao longo do tempo, contribuindo para que a população se posicionasse diante da tradição e dos desdobramentos religiosos-culturais, com o intuito de tornar todo esse processo vivo na memória coletiva, abordando um leque de possibilidades e enfoques; através do mapeamento do trajeto percorrido e das famílias que são envolvidas nesta romaria.

Como objetivo geral pretende-se discutir os aspectos relacionados à história de fé e tradição cultural da Comitiva Capivari: Romaria dos Devotos do Divino Pai Eterno, bem como entender o envolvimento dos participantes mediante a tradição de fé e devoção. Os objetivos específicos são: Refletir sobre a formação da Comitiva Capivari: Romaria de Muladeiros dos Devotos do Divino Pai Eterno; analisar a constituição, caracterização e devoção da Comitiva Capivari, bem como suas modificações ao longo do tempo (1970 – 2019); registrar o envolvimento dos habitantes da cidade e da comunidade rural em relação à romaria; evidenciando as demais tradições de caráter religioso que ocorrem na cidade de Jandaia a fim de compreender a história da Comitiva Capivari, frente a tais manifestações.

Na perspectiva de investigar a história de fé ao Divino Pai Eterno e entender seu significado na Festa de Trindade, serão abordados temas importantes para a discussão sobre a origem do fenômeno religioso ligado ao Divino Pai Eterno, evidenciando como ele foi se desenvolvendo ao longo de mais de 160 anos de tradição, fazendo uma reflexão teórica das interfaces estabelecidas entre memória, identidade e patrimônio religioso. Analisar princípios da tradição religiosa, desde a descoberta do medalhão encontrado no povoado de Barro Preto para compreender a história de fé, evidenciando a memória e a existência de patrimônios os quais são fatores cruciais e necessários para que o indivíduo consiga ressignificá-los e tomá-los para si como uma herança, um legado dinâmico que passam a fazer parte da vida de fé e devoção, com grandes proporções de fiéis.

Com o intuito de entender a história dos tropeiros devotos do Divino Pai Eterno, existente há quatorze anos e pelo exemplo de perseverança da Comitiva Capivari me tornei integrante em 2012. Há 8 anos participo da Comitiva aguardo com fervor cada ano, para poder contribuir com os preparativos da romaria.

Após finalizar o trajeto da romaria, a equipe organizadora já começa a pensar na preparação do ano seguinte, se mantendo unificada para poder percorrer o trajeto rumo a Trindade e agradecer as bênçãos recebidas. A Romaria é um momento importante uma forma de agradecimento em que os muladeiros, montados em mulas e burros, mantêm os costumes da tradição sob a coordenação do Sr. Antônio Mauricio, proprietário da Fazenda Capivari, devoto do Divino Pai Eterno, que em meados de 1970 deu início à Romaria com um grupo de Devotos, para ir até aos pés do Divino Pai Eterno, sendo esta tradição prosseguida até a atualidade.

Este estudo tem como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, documental, pesquisa de campo e pesquisa-participante, e a partir das narrativas dos participantes da Comitiva, bem como a realização de entrevistas, análise de imagens dos eventos passados e dos mais recentes, registros das histórias de vida e experiências dos romeiros e também as experiências de vida de pessoas que participam direta ou indiretamente na trajetória da Romaria, no município de Jandaia.

Tais vivências nortearam a pesquisa e possibilitaram o aprimoramento do tema. Este se faz relevante à medida que procura refletir e realizar um registro, sobre os elementos envolvidos na idealização da Romaria de Muladeiros dos Devotos do Divino Pai Eterno, uma vez que os membros dirigentes da romaria se integram em diversos segmentos sociais da cidade, como comerciantes, funcionários públicos,

peças da comunidade urbana e rural de escolas públicas e particulares, inclusive algumas pessoas de outras regiões adjacentes.

A problemática que suscitou a pesquisa foi à análise sobre os romeiros (Muladeiros) que participam da Comitiva Capivari em devoção ao Divino Pai Eterno que atravessam noites a fim de agradecerem as graças recebidas ou pedirem a intervenção divina. Nesse contexto a pesquisa traz como ponto de reflexão outras questões: Quais são os elementos que permanecem como tradição popular ou religiosidade na Romaria do Divino Pai Eterno? Como a presença dos mais jovens mostra o sentido de pertencimento a uma tradição local? Quais elementos marcam o caminhar para o lugar sagrado? Vale ressaltar que o evento se trata de uma tradição mantida por gerações e repetida todos os anos, sendo este, um meio pelo qual se torna possível que os fiéis entrem em contato com os sentidos simbólicos fundamentais da cultura, em que se inscreve esta experiência humana e religiosa. Assim, entendemos segundo os postulados de Halbwachs (1990), as conexões, lembranças e percepções socialmente partilhadas, as quais se dão a partir da aplicação prática feita pelos sujeitos. Os sujeitos da romaria, enquanto participantes do processo dinâmico social, percebem uma multiplicidade de acontecimentos que vão se processando dentro do quadro dinâmico da existência humana.

Para Eliade (1992), qualquer tempo, espaço e qualquer objeto podem tornar-se sagrados. Tal lugar adquire um valor especial e passa a ser diferente, embora não deixe de ser o que é. A maioria dos lugares considerados sagrados atrai as pessoas por diversos motivos. Na romaria, a pessoa tem a sensação de estar caminhando em direção ao centro do sagrado. Eliade (1992) apresenta o sagrado, não apenas em seus aspectos racional e não racional, mas em sua totalidade. Seu enfoque se dá na relação entre sagrado e profano.

Para ele, o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, em algo diferente do profano uma vez que para quem tem uma experiência religiosa. Sendo que o homem religioso vive duas espécies de Tempo, das quais a mais importante, o Tempo sagrado, se apresenta sob o aspecto paradoxal de um Tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos. Esse comportamento em relação ao Tempo basta para distinguir o homem religioso do homem não religioso. O primeiro recusa-se a viver unicamente no que, em termos modernos, chamamos de "presente histórico"; esforça-se por voltar a unir-se a um Tempo sagrado que, de certo ponto de vista, pode ser equiparado à "Eternidade" Para o homem não religioso o Tempo não pode apresentar nem rotura, nem "mistério": constitui a mais profunda dimensão existencial do homem, está ligado à sua própria existência, portanto tem um começo um fim, que é a morte, o aniquilamento

da existência. Seja qual for à multiplicidade dos ritmos temporais que experimenta e suas diferentes intensidades, o homem não religioso sabe que se trata sempre de uma experiência humana, onde nenhuma presença divina se pode inserir. (ELIADE, 1992, p. 15)

Nesse entendimento, compreende-se que na tradição religiosa mediada pela festa do Divino Pai Eterno, se evidenciam os elementos, que aliados à memória por meio das lembranças, são evocados pelos acontecimentos durante o deslocamento e a dinâmica que acontece a devoção. No que tange a romaria da Comitiva Capivari, esses fatores serão descritos mediante as entrevistas e depoimentos de seus integrantes. A rememoração dos momentos vivenciados pelos integrantes da comitiva durante o trajeto de anos anteriores e/ou atuais, sendo recontada ou (relembradas) mediante as narrativas, os momentos que passaram fazer parte da tradição da Comitiva, almejando o fortalecimento e o crescimento deste evento de fé, especialmente pela reinvenção da cultura e de novos valores.

No intuito de registrar a participação dos integrantes da Comitiva Capivari realizou-se entrevistas com pessoas entre a faixa etária de 28 anos a 71 anos. Utilizou-se um formato de entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas para proporcionar aos interlocutores uma maior liberdade de expressão os questionamentos foram: 1) Há quanto tempo participa da Festa do Divino Pai Eterno? 2) O que a (o) levou a participar da Festa do Divino Pai Eterno? 3) O senhor (a) participa de outras romarias no estado de Goiás ou fora dele? Se sim, quais e onde? 4) Qual o significado da Festa do Divino Pai Eterno? 5) Já recebeu alguma graça na Festa do Divino Pai Eterno? 6) Sua família o(a) acompanha na Romaria?

Para selecionar os entrevistados optou-se pelos integrantes da comitiva que mantêm a tradição de Fé da Comitiva Capivari rumo a Trindade, assim, foram entrevistados 13 pessoas reunidas em três grupos. O grupo (1) está composto por três pessoas, entre faixas etárias de 28 e 39 anos; o grupo (2) por quatro pessoas, entre faixas etárias de 42 e 55 anos; o grupo (3) por seis pessoas, entre faixas etárias de 60 e 71 anos.

A participação e escolha desses integrantes entre homens e mulheres ampliou o processo de reconhecimento e registro da história de Fé da romaria, pretendeu-se descrever informações, comportamentos e experiências que servirão de fonte de pesquisa para as pessoas com interesse no tema.

O estudo foi assim distribuído: O primeiro capítulo busca abordar a constituição da Devoção ao Pai Eterno, um lugar sagrado e santificado

consequentemente “único” de devoção ao Deus-Pai. Em seguida, abordarmos o contexto necessário para o entendimento e a evolução da festa; desde a descoberta do medalhão até os tempos atuais.

No segundo capítulo, procuro refletir sobre a religiosidade em Jandaia tendo como foco primordial a temática deste estudo história de fé e tradição cultural da Comitiva Capivari que organiza a Romaria de Muladeiros todos os anos rumo a Trindade, realizando nesse percurso a demonstração da Devoção ao Pai Eterno.

No terceiro capítulo, procuro discutir o percurso da romaria da Comitiva Capivari à Trindade, bem como registrar as ações dos pioneiros e demais integrantes da comitiva para a romaria. Enfatiza-se a devoção, a história de tradição das memórias religiosas que contribuíram para que diversas famílias se deslocassem em louvor ao Pai Eterno em forma de agradecimentos as graças alcançadas, ao mesmo tempo em que se faz cumprir a tradição da população jandaiense e cidades vizinhas.

Nesse aspecto, ressaltamos o contexto religioso e a organização dos devotos integrantes da Comitiva que se empenham a cada ano, para participarem do evento, perpetuando a história e tradição da romaria. Pretende-se fazer uma abordagem histórico-antropológica dessas famílias que percorrem anualmente o trajeto, buscando explorar as diversas formas de devoção.

CAPITULO I

A HISTÓRIA DA DEVOÇÃO AO DIVINO PAI ETERNO EM TRINDADE

1.1 A Memória Histórica da Devoção

Para entender a história de devoção dos romeiros do Divino Pai Eterno em Trindade buscamos analisar aspectos pertinentes a religiosidade e a devoção ao Divino Pai Eterno buscando, compreender seus sentidos, seu ritmo e o que ela transmite à vida dos praticantes, bem como as mudanças ocorridas mediante as narrativas que do sentido às histórias de devoção.

O município de Trindade – GO passou a ser conhecido como capital da fé, pois os romeiros do Divino Pai Eterno são oriundos de várias regiões, estados e até mesmo de outros países. Assim, pretende-se através da historiografia propagar a tradição religiosa e cultural da Comitiva Capivari em devoção ao Pai Eterno, mostrando que as expressões religiosas coletivas permanecem entrelaçadas na cultura dos devotos que repassam as próximas gerações e se perpetuam.

No início do século XX, o sociólogo Maurice Halbwachs trouxe uma importante ruptura com a ideia que se tinha até então de memória. Acreditava-se que o indivíduo era o único responsável pelo resgate de seu próprio passado, ou seja, que a memória era regida exclusivamente por leis biológicas. Halbwachs em sua obra “*A Memória Coletiva*” sobre memória criou a categoria de “memória coletiva”, por intermédio da questão a qual postula que o fenômeno de recordação e localização das lembranças não pode ser efetivamente analisado se não for levado em consideração os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória ressalta esta, como fator social, mostrando a existência de uma relação íntima entre o individual e o coletivo.

A essa forma de guardar lembranças Halbwachs (2006) chamou de memória individual, ou seja, a forma como seleciono e disponho as imagens-lembranças vividas, ou a forma como as organizo internamente em todo o conjunto de referências e memórias-hábitos (que constituí a memória coletiva) aprendidas. A memória individual é a partícula do ‘eu’ na memória coletiva.

Segundo Pollack (1989), “*A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”. Pode-se entender a memória

como acontecimentos vividos individualmente ou em grupos, herdados ou construídos coletivamente por pessoas ou personagens, e transmitidas ao longo dos séculos.

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos (NORA *apud* GONÇALVES, 2012, p. 32).

A interação entre o passado, presente e futuro remete à construção de memórias, eventos culturais ou religiosos intimamente ligados à identidade de uma pessoa ou de uma sociedade. Para compreender a história de devoção, nos reportamos a festa de Trindade que tem como ponto de partida a descoberta do Medalhão com a imagem em Barro Preto e que a partir daí as graças obtidas pelos devotos e os milagres, foram se espalhando, se propagando por diversas circunstâncias aliadas à fé, tendo como resultado a repercussão e a crescente devoção de um povo.

É a subjetividade dos detalhes, dos objetos e das construções dos cenários, das imagens, é a forma como a imagem é revelada que caracterizam a individualidade da memória, pois, diz da história pessoal e da vivência do indivíduo. Recordar e lembrar e, portanto, a memória é também lócus de compartilhamento entre pessoas e grupos em pelo menos dois momentos: o instante em que os fatos, a história acontece e os instantes em que serão recordados depois. Ecléa Bosi em dois de seus livros, (*Memória e Sociedade: lembranças de velhos* e *O Tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*) faz uma leitura a respeito da memória: “A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo.” (BOSI, 2003. p. 53).

A cidade de Trindade se organiza para viver o clima de romaria o ano todo, entretanto, no mês de julho de cada ano, o romeiro tradicionalmente faz sua visita à festa, utilizando diferentes meios de transportes até ao santuário do Pai Eterno. As razões que levam os romeiros a Trindade são as mais variadas, mas a principal se constitui em cumprimento de promessa a uma graça recebida.

A festa é uma tradição cultural e religiosa atualmente organizada pela Igreja Católica, e atrai cristãos de todo o país anualmente. O comércio organiza-se para o abastecimento da cidade. Nesse sentido ainda, entidades públicas e empresas

privadas se mobilizam, trabalhando para melhor atenderem aos romeiros em todos os setores, como hospedagem, alimentação, saúde, entretenimento e informações religiosas.

A partir da compreensão da memória individual, o próximo passo é estabelecer o que é a memória coletiva, e a que ela se refere. Quando há uma lembrança que foi vivida por uma pessoa ou repassada para ela e que diz respeito a uma comunidade, ou grupo, essa lembrança vai se tornando um patrimônio daquela comunidade. As informações mais relevantes dessas lembranças vão sendo repassadas de pessoa a pessoa e vão constituindo a história oral de um determinado lugar, ou grupo. Essa memória coletiva, geralmente tenderá a idealizar o passado e, na maioria das vezes, estará vinculado a um acontecimento pontual, que será considerado de máxima relevância.

Assim utilizaremos a análise do historiador francês Pierre Nora sobre esta categoria. A memória cultural atua, portanto, preservando a herança simbólica institucionalizada, à qual os indivíduos recorrem para construir suas próprias identidades e para se afirmarem como parte de um grupo. Isso é possível porque o ato de recordar envolve aspectos normativos, de modo que, "se você quer pertencer a uma comunidade, deve seguir as regras de como lembrar e do que lembrar".

A existência dos lugares de memória, e os constantes esforços pela sua perenidade, é um reflexo da possibilidade do esquecimento. Como ressalta Nora, "se o que [os lugares de memória] defendem não estivesse ameaçado, não se teria a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que envolvem, eles seriam inúteis" (NORA, 1993, p. 13).

Dessa maneira, compreendemos que há uma memória coletiva. Ela representa um repositório abstrato de informações referentes a uma comunidade, se constitui a partir de memórias individuais, se expressa materialmente, ancora-se nos lugares de memória e tem como caminho espontâneo o seu desaparecimento.

Nesse contexto o refrão popular ilustra bem o espírito da romaria: "Coisa boa é bondade, festa boa é da Trindade". Envolvidos nesse clima de devoção, o cotidiano dos devotos do Pai Eterno mediante suas relações de fé e formam elementos essenciais para as demonstrações e manifestações do sagrado.

É nesse sentido que nos reportamos ao movimento das romarias a Trindade desde que foi edificada a primeira capela, em 1843. O padre Antão Jorge, missionário

redentorista e vigário, coordenou as obras de construção do santuário em 1911. Com o passar dos anos, a igreja se tornou pequena para o grande número de romeiros. Em 1912, foi inaugurado o Santuário, em estilo barroco, hoje Matriz de Trindade (Santuário Velho). E foi assim, que a devoção ao Pai Eterno atravessou os anos, e passou a arrastar multidões para a cidade de Trindade, até os dias atuais.

Faz se necessário ressaltar que à história da devoção começa aproximadamente em 1840, no povoado chamado Barro Preto, quando o casal Constantino Xavier e sua mulher Ana Rosa de Oliveira vieram do arraial da Meia Ponte e resolveram escolher o local para morarem, nas proximidades do córrego Barro Preto, onde desenvolveriam atividades ligadas a plantações de lavouras. A lei estadual número 662, de 16 de julho de 1920, criou o município de Trindade, como território desmembrado de Campinas e a ele aproximado ao distrito de São Sebastião do Ribeirão. Sete anos depois, sua sede seria elevada à categoria de cidade por meio da lei estadual de número 825, de 20 de junho de 1927.

Na ocasião, quando chegaram ao local, o Sr. Constantino enfrentou trabalho árduo que exigia grande esforço físico em tarefas como abrir matas, enfrentar as pragas existentes e demais ameaças da natureza. Segundo a tradição, durante um trabalho no campo, ao roçar a plantação onde trabalhava, a enxada de Constantino bateu em algo sólido, rígido, bem similar a uma pedra.

Assim que se deu conta do que se tratava, chamou Ana Rosa e descobriram que aquilo não era uma pedra, mas um grande medalhão de barro, de aproximadamente 8 cm, notaram então, que havia uma imagem gravada nele e após retirarem toda a terra que o cobria viram que ali estava a Santíssima Trindade coroando Nossa Senhora (Figura 1: Medalhão de barro deu origem à tradição de fé em Trindade) Nessa época, o Arraial do Barro Preto não passava de um pequeno povoado, que tinha a igreja e doze casas de pau-a-pique.

Nos dias de festa, a calma do local dava lugar a um grande fluxo de pessoas. Havia gente de todas as classes; curiosos e devotos se misturavam a negociantes, especuladores e jogadores.

Figura 1: Medalhão de barro que deu origem à tradição de fé em Trindade – GO



Fonte: disponível em wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Medalhão_do_Divino_Pai_Eterno.jpg

Constantino e sua esposa ao tocarem o medalhão sentiram-se abençoados e agradecidos pelo privilégio e levaram o medalhão para casa, reservando um lugar especial para guardá-lo. Conforme as narrativas, na manhã seguinte, contaram a familiares e vizinhos, posteriormente começaram a convidá-los para rezarem juntos o terço, principalmente aos finais de semana. Assim, a notícia foi se espalhando rapidamente e então, movidos pela fé, nos finais de semana os vizinhos começaram a se reunirem na casa do casal para rezarem, pedirem e agradecerem as bênçãos recebidas. Com o passar dos anos a evolução da Romaria em Trindade de Goiás, o medalhão, que era o símbolo do Divino Pai Eterno, tornou-se sagrado, não pelo fato de ter sido encontrado no povoado de Barro Preto, mas por ele ser considerado como manifestação desse sagrado.

A princípio, os fiéis confiando nas orações rezavam a Deus com muita fé e devoção, e foi assim que a fama das graças recebidas, começou a se espalhar por toda a redondeza, fazendo aumentar cada vez mais o número de devotos e fiéis, iniciando naquele local, a devoção ao Divino Pai Eterno, que teve como seu primeiro Santuário a residência do casal. Considerando o grande número de devotos, Constantino comentou o interesse em levantar um cruzeiro em frente à sua casa,

como era costume na época. Os vizinhos e familiares aos sábados, passaram a reunir-se para rezarem o terço e, em bem pouco tempo, a casa dos dois agricultores já não conseguia acolher tanta gente para a oração.

Por volta de 1848, eles decidiram construir uma pequena capela, coberta de folhas de buriti, para que o público tivesse acesso permanente à relíquia. Era crescente o número de pessoas que vinham de todas as partes, pedindo e agradecendo as graças que o Divino Pai Eterno lhes concedia (GOMES, 2005, p. 15).

Esse fenômeno descrito por Mata (2002) sobre a relação entre a origem das cidades e a religiosidade é observável no surgimento de Trindade, pois, após a construção da primeira e segunda capela, nasceria o arraial do Barro Preto, que, mais tarde, daria origem à cidade de Trindade de Goiás. Com o passar dos anos, terras foram doadas ao patrimônio do santo, e foi construída a atual matriz observando-se os critérios estabelecidos e citados por Mata (2002).

Figura 2: Capela construída em 1848 por Ana Rosa e Constantino Xavier, na região onde atualmente se situa a Igreja Matriz de Trindade.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Matriz_de_Trindade#/media/Ficheiro:Capelinha_de_folhas_de_Buriti_em_1840.

Com o gradativo aumento dos devotos e conseqüentemente das visitas de fiéis, surge à necessidade de capelas maiores serem edificadas, assim, a história de Trindade se completava com a chegada dos padres Redentoristas a Goiás, em 1894, vindos da Alemanha para “disciplinarem” a romaria. Os missionários redentoristas pertenciam à Congregação do Santíssimo Redentor e foram enviados a Trindade com

o intuito de organizarem a romaria e impor o preceito moralizador da Igreja na festa que deveria ser religiosa, não profana. Assim, a Ordem Redentorista teve sua chegada ao Brasil por apelo do bispo para ajudar exatamente no controle das romarias de Goiás (Pai Eterno) e de São Paulo (Nossa Senhora Aparecida). Na prática, serviu para consolidar a implantação da reforma católica, iniciada pelos bispos reformadores no período imperial:

A vinda da Ordem Redentorista ao Brasil se deu especialmente por conta das romarias populares, de forma muito particular as romarias de Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo, e Divino Pai Eterno, em Goiás. A missão redentorista objetivava, portanto, controlar o catolicismo popular presente nas romarias e desta forma, conseguir a fidelidade dos romeiros católicos às doutrinas oficiais romanas. Este fim só poderia ser alcançado por meio da catequese, pregação, jornais e as tão famosas crônicas redentoristas (GOMES FILHO, 2009, p. 63-64).

Posteriormente, por volta de 1876, iniciou-se a construção de outra capela ainda maior, em sistema de alvenaria, já coberta com telhas de barro cozido, sendo que dois anos mais tarde, já em 1878, aconteceu a inauguração da terceira capela dedicada ao Pai Eterno. A chegada dos primeiros missionários redentoristas que vieram da Alemanha, para cuidarem da romaria e atenderem a multidão de romeiros vindos de diversos lugares, foi iniciada sob a coordenação do missionário redentorista padre Antão Jorge. Contando com o apoio da população de Trindade e região, e também com doações dos romeiros, aconteceu à construção do “Santuário Velho”, Igreja Matriz, conservada ainda no mesmo local.

Na ocasião o medalhão sagrado deu lugar à escultura da imagem em madeira, obra possivelmente de um grande artista da época, José Joaquim da Veiga Valle. Na ocasião, Constantino quis restaurar a imagem, então se dirigiu a cavalo até Pirenópolis – GO, a mais de 120 km de distância de Barro Preto, e lá encontrou o artista plástico goiano Veiga Valle, que recomendou que Constantino fizesse uma réplica de aproximadamente 30 cm, esculpida em madeira. Esta réplica seria a Figura da Trindade Santa coroando Maria em um tamanho maior, que deu origem a Imagem, que se tornou patrona da devoção ao Divino Pai Eterno.

Figura 3: Imagem do Divino Pai Eterno esculpida em madeira atribuído ao artista plástico Veiga Valle.



Fonte: AFIPE /2017

Constantino não tinha dinheiro suficiente para pagar por aquele trabalho, então deu o dinheiro que possuía e seu cavalo como pagamento e retornou caminhando num trajeto de mais de 120 km. Foi assim a primeira Romaria a Trindade. De acordo com a tradição, com esse ato, ele foi reconhecido como o primeiro romeiro a fazer a caminhada para Barro Preto, sendo recebido em festa por todos os devotos.

Para entendermos o significado do Medalhão Sagrado buscamos nas palavras do padre Jesus Flores que faz a descrição da imagem e esclarece que “na imagem temos a presença do Pai como um ancião, a presença do Filho como um homem na plenitude da sua força, o Espírito Santo, em forma de uma pomba e as três pessoas inclinando-se sobre Maria Santíssima, coroando-a como rainha do Céu e da Terra”.

O significado do Medalhão Sagrado, símbolo máximo de devoção dos Romeiros de Trindade: A Santíssima Trindade é a representação artística de três pessoas divinas, Pai, Filho e Espírito Santo se caracterizam pela imagem do Pai, mais velho, lembrando o Eterno; do filho, mais jovem, insinuando sua presença no tempo e o Espírito Santo em forma de pomba, como narra o Evangelho na cena do batismo de Jesus. Sua união lembra sua Unidade; as três Figuras da Santíssima Trindade (FLORES, Pe. Jesus. CSSR Colaborador do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno em Trindade) (MANUAL DOS DEVOTOS DO DIVINO PAI ETERNO, 2012, p. 12 e 13).

E assim, com o grande número de devotos a Imagem da Santíssima Trindade, foi que Constantino e Rosa acharam como solução doar um terreno o qual possuíam nas imediações do córrego Cruz das Almas, descendo pelo córrego Barro Preto, uma distância que corresponde a 4 km de onde residiam. Foi então, que estes, fizeram esse gesto de devoção em agradecimento por todas as bênçãos que já haviam recebido. Com o dinheiro arrecadado nas atividades desenvolvidas pela comunidade foi erguida uma nova capela mais resistente e espaçosa, no mesmo local onde até hoje está o Santuário Velho.

Nessa tradição os romeiros começaram a caminhada na estrada, para rezarem aos pés do Divino Pai Eterno, e diante da imagem agradecerem as graças recebidas. Diante da dimensão do número de devotos, em 1943 o arcebispo de Goiânia, dom Emanuel Gomes, juntamente com os missionários redentoristas, lançou a pedra fundamental do novo Santuário. E foi assim que a devoção ao Divino Pai Eterno teve início por volta de 1840, com o casal de agricultores Constantino Xavier Maria e Ana Rosa de Oliveira, que vieram a se estabelecer nas proximidades do Córrego do Barro Preto.

Em 1891, em visita ao Distrito de Barro Preto (Trindade), o bispo notou má fé e exploração dos recursos financeiros pelos membros da Comissão ou Irmandade do Santuário, exigindo então que prestassem contas. Depois de comprovado gastos indevidos D. Eduardo extinguiu a comissão formada, nomeando como administrador do que hoje é a Matriz de Trindade, padre Francisco Inácio de Sousa (GOMES, 2005, p. 21).

Como a grande quantidade de romeiros aumentava por causa dos milagres atribuídos à imagem do Divino Pai Eterno na época (1891) o bispo de Goiás, Dom Eduardo Silva, nomeou, como administrador do Santuário, o padre Francisco Inácio de Sousa com a intenção de continuar e de melhorar a organização da Igreja para receber esses Romeiros. Em 1900, os padres saíram do lugar por causa de um conflito entre fazendeiros, gerando discórdias entre os padres e os coronéis que comandavam a irmandade por conta da administração dos recursos, advindos da romaria. Essas desavenças foram desencadeadas pelo crescente número de fiéis aliados à ausência de um representante da Igreja Católica, não agradando a Dom Eduardo Silva, bispo de Goiás.

As dificuldades enfrentadas nas romarias que se sucederam sem a presença dos religiosos fizeram com que os fiéis percebessem a necessidade da existência do religioso na Igreja. Com o pedido de perdão dos revoltosos, se obteve a garantia de

que tudo seria normatizado. Na ocasião, o bispo de Goiás voltou em 1904 a realizar o evento. Ligado diretamente a Campinas, sendo elevada à categoria de município em 1907, o arraial de Barro Preto, por força da Lei Municipal número 5, de 12 de março de 1909, passa a se chamar Trindade.

Vale ressaltar que a história do Município de Trindade se confunde com a história da romaria, ambas ligadas à influência religiosa. Na ocasião, a decadência do ouro em Goiás levaria pessoas de regiões mineiras a procurarem áreas para agricultura de subsistência, bem como para o comércio. Neste contexto histórico de decadência da mineração e do desenvolvimento da agropecuária que se deu a construção de municípios goianos, dentre eles o município de Trindade.

Trindade é considerada atualmente a 8ª cidade mais populosa do estado, com um pouco mais de 30.000 habitantes. Teve seu setor econômico impulsionado a partir de 1980, com o surgimento de indústrias locais e investimentos de recursos internos de alguns empresários. Atualmente ocupa o terceiro lugar no ranking dos polos confeccionistas do estado. A crença no Divino Pai Eterno fez com que a região se estruturasse ficando conhecida como a capital da Fé dos goianos.

A cidade conta com santuários, igrejas, romarias, grutas, vias sacras, conventos, barraquinhas com artigos religiosos, dentre outras atrações, atualmente Trindade conta com uma população de 30.521 habitantes. Em 1912, foi levantado pelos padres redentoristas o atual Santuário Velho, como mostra a (Figura 4).

Figura 4: Matriz inaugurada em 1912 no dia 08 de setembro de 1912, com a celebração da primeira missa nessa nova igreja.



Fonte: A vida de padre Pelágio (1999)

De acordo com GOMES (2005) A Igreja Matriz de Trindade, também conhecida como Igreja Matriz do Divino Pai Eterno, foi inaugurada em 8 de setembro de 1912, pelo missionário redentorista Antão Jorge e foi considerada Patrimônio Cultural do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 24 de setembro de 2014 (GOMES, 2005, p. 21).

Conforme relatos do padre o Santuário Matriz do Divino Pai Eterno foi edificado em regime de mutirão pelos moradores de Barro Preto (antigo nome de Trindade) visto que a construção começou em agosto de 1911, quando foi demolida a capela construída em 1878. Para essa construção os fazendeiros da região doaram madeiras de aroeira que foram utilizadas para fazerem os assoalhos, esteios e o acabamento da nova igreja.

Muitos trabalhadores deixaram suas fazendas e obrigações para dedicarem-se como voluntários na construção do novo santuário, trabalharam como carpinteiros e até mesmo em serviços mais pesados, como na construção das paredes, na lavragem dos esteios e no acabamento das portas e janelas. Em 1958 iniciou-se a primeira reforma que terminou em dezembro de 1960, a qual foi feita várias alterações no santuário, como a substituição das janelas por vitrês, e do piso assoalhado por granítina e a modificação da fachada. Essa reforma foi necessária, porém, descaracterizou a igreja.

A vinda da Ordem Redentorista para o estado de Goiás, em 1894, revela um contexto político, econômico e religioso peculiar vivido pelo estado, em que, com o fim do regime de padroado, o controle das romarias populares, tanto quanto das manifestações religiosas não católicas, foi de fundamental importância para a manutenção da hegemonia católica local.

Dos 14 missionários designados para o Brasil, 8 seguiram para a diocese de Goiás, liderados pela importante figura de Padre Superior Gebardo Wiggermann, de 51 anos de idade, auxiliado pelo padre João da Mata Späth, de 63 anos. Os demais missionários eram todos jovens, tinham entre 22 e 37 anos, diferença esta, que gerou conflitos entre os mais velhos e os mais jovens ao longo dos primeiros anos de missão (PAIVA, 2007, p. 100).

O papel desempenhado pelos redentoristas em Goiás, tanto no controle da romaria de Trindade, quanto no combate às religiões e religiosidades não católicas, teve importante reflexo na edição do jornal “Santuário da Trindade”, através do qual os religiosos incentivavam a participação popular na romaria e, especialmente, intentavam a formação catequética dos fiéis católicos contra as “falsas religiões” (VAZ,

1997, p. 81). Para o restante da diocese, todavia, o que excedia em bens patrimoniais, faltava em condições financeiras para sua manutenção.

Nesse contexto o jornal "Santuário da Trindade", foi editado pela Congregação Redentorista em Goiás entre 1922, sendo o mesmo a principal fonte histórica que buscava fazer a análise dos posicionamentos dos padres redentoristas que chegaram a Goiás. Abaixo segue trechos da capa da primeira edição, ao qual mostrava os objetivos do mesmo explicitados à população:

Renovar a devoção ao Divino Pai Eterno e ao Santuário de Trindade; despertar o conhecimento da religião e amor à Igreja: "Será um jornal católico que procurará argumentar nos católicos o conhecimento da Religião e o amor à Igreja, a fidelidade no cumprimento dos deveres religiosos e o interesse pelas cousas da Religião" (GRIFO NOSSO, 1922, p. 1)

A primeira solução viável encontrada por Dom Eduardo foi o "aforamento" de terras paroquiais. Dom Eduardo Duarte Silva chegou a Goiás em 29 de setembro de 1891. Sua passagem pelo estado foi repleta de conflitos e ações políticas, religiosas e institucionais, através das quais intentava promover uma verdadeira "reforma do catolicismo goiano".

Conforme ressalta Santos (2008), especialmente através da transformação das práticas do catolicismo popular e, do controle rígido das administrações e finanças de toda a diocese. As principais medidas e conflitos entre Dom Eduardo e a população goiana foram, de um modo geral, decorrentes quase sempre de questões financeiras. O motivo é evidente; a administração eclesiástica necessitava gerar suas próprias receitas; não poderia contar mais com salários e investimentos vindos do Estado.

Nesse contexto Robson Rodrigues (2003), esclarece nos seus estudos intitulados "O Movimento Messiânico de Santa Dica" e a ordem Redentorista em Goiás (1923-1925), que o contexto da formação urbana do estado de Goiás, baseou-se em dois tipos de ocupação: sendo decorrente da atividade mineradora, ou oriunda da fundação de capelas a partir de doações de terras a santos de devoção: "isso se constituirá em patrimônio do dito orago, possibilitando assim, a construção de uma capela, quase sempre o marco inicial dos povoados surgidos à época".

A partir do contexto de construção e formação urbana, as capelas, que se tornariam paróquias, acabavam por possuir terrenos que cobriam cidades inteiras, algo que durante o Padroado não era visto como problema. Entretanto, com a separação entre Igreja e Estado esta situação se tornou insustentável: se por um lado o arrendamento destes territórios se tornou uma das saídas possíveis para a crise

financeira da Igreja, por outro, o conflito com as intendências municipais era um desgaste que Dom Eduardo julgou desnecessário.

Em 1900 os eclesiásticos resolveram transferir a data da celebração, que coincidiria com a época da tradicional romaria do Muquém, o que importaria uma diminuição do afluxo de romeiros para Barro Preto. Além disso, por determinação expressa, a festa foi reduzida há apenas dois dias, restringindo-se somente a esse período a abertura do santuário, e a música foi proibida nas missas e procissões. As medidas levaram a que as insatisfações aflorassem de diversas formas.

O templo está relacionado ao crescimento populacional e à instalação formal do município, em razão da atração de inúmeros fiéis que desejassem venerar o Divino Pai Eterno. A Igreja Matriz de Trindade (Figura 5) é, portanto, um dos pontos turísticos da cidade de Trindade, principalmente durante a Festa do Divino Pai Eterno, ocasião em que repercute o evento religioso que acontece anualmente no final de junho e início de julho.

Figura 5: Fotografia da igreja, inaugurada em 1920.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Matriz_de_Trindade

Na fotografia de 1920, é possível perceber a igreja como ponto principal da cidade. Em razão de sua edificação, a instituição é centralizada no município e se observa a manutenção de seu estilo pelas décadas seguintes; nela, há a entrada

principal e as duas torres em destaque. Como os recursos eram escassos naquela época, a Igreja Matriz foi toda construída em adobe, uma espécie de tijolo rústico, feito da mistura de barro e palha de arroz. Nesses aspectos da arquitetura, em 2012, o Santuário recebeu calçamento da igreja, que foi construído por paralelepípedos. A calçada ao nível da rua possui calçamento de ladrilho hidráulico, assim como a praça em que se localiza. Defronte à porta principal, há uma escultura do padre Antão Jorge e uma placa em referência ao padre Renato de Ferreira, o qual conduziu e supervisionou a primeira restauração.

Além dos símbolos explícitos na fotografia da época, foram mantidos os materiais talhados na aroeira pelos padres redentoristas, que estavam envolvidos na construção do templo, assim o Santuário recebeu título “Episcopal Santuário da Santíssima Trindade”, sendo esta, edificada em estilo colonial, com estruturas em madeira, paredes frontais de pau a pique e adobe.

Conforme Gomes (2005), as torres da Igreja foram revestidas de latão e o interior com “linhas estilo românico” e os altares de madeira foram esculpidos pelo irmão Simão. Até o final da década de 30, era considerada a maior igreja do Estado de Goiás. A reforma seguinte aconteceu no começo de 1980, o seu estado era tão precário que jornais de Goiás noticiavam como certo, seu desmoronamento a qualquer instante, alertando que a mesma estava pondo em risco a vida dos fiéis. No dia 13 de outubro de 1980, o Diário Oficial do Estado de Goiás publicava a lei número 8.915, que recebeu o tombamento pelo Patrimônio Histórico do Estado de Goiás o Santuário Matriz do Divino Pai Eterno visto que este é um espaço que guarda grande parte da história de devoção, desde que encontraram o medalhão, essa fé, sempre foi cultuada e dia após dia, difundido no Brasil e no mundo.

Na ocasião ficaria garantido por lei que o Estado assumiria qualquer reforma ou alteração que se fizesse necessária no santuário, sendo que a reforma deveria reintegrá-la às suas características originais. De acordo com o pároco, padre João Bosco de Deus, o objetivo seria preservar as características do prédio e dar mais segurança para os devotos que visitam a Matriz durante o ano. Essa reforma aconteceu somente em 1984. Como mostra a (Figura 6).

Figura 6: Igreja Matriz de Trindade Santuário Velho com vistas da parte externa e interna. A restauração foi realizada no final de 1984.



Fonte https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Matriz_de_Trindade

Mantendo a arquitetura da Igreja, é possível observar os detalhes no interior à ilustração de Jesus Cristo crucificado, a balaustrada, altares laterais dos lados, esquerdo e direito, o altar-mor da capela mor e o púlpito. Do lado externo há duas torres na face exterior, com uma cúpula piramidal em que existe um cruzeiro (uma cruz latina de madeira). A nave da Igreja Matriz é única e nas paredes há a ilustração de Jesus Cristo crucificado. O piso é de madeira e tem níveis: o da entrada, mais baixo, ocupado pelas fiéis e o mais alto, junto ao altar, reservado para o sacerdote. A partir da entrada existe um coro de madeira, que disponibiliza, a partir da nave, uma porta a oeste e outra a leste, e nas paredes laterais do corpo sobressaem quatro janelas em conjunto a parapeitos falsos o baldaquino.

Em 2001, foram retiradas quatorze pinturas da igreja, com a justificativa de não fazerem parte da estrutura original da igreja, consoante documentação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Passou por reformas novamente em 2010, quando foi realizada a revitalização da cobertura, deteriorada pela ação de fenômenos naturais e a presença de goteiras que geravam infiltrações nas paredes. Nesse trabalho, chapas de zinco das duas torres, calhas e rufos foram trocados, e a igreja reaberta em 15 de abril de 2011. A última restauração foi realizada no final de 2013, tendo como modificação mais nítida a cor: os detalhes externos passaram de marrom para azul, como comemoração do centenário da igreja. Entretanto, foi mantida a arquitetura e o estilo originais, sendo trocados alguns materiais considerados desgastados.

A criação do Santuário teve a instalação comandada na época por Dom Fernando Gomes dos Santos, primeiro arcebispo desta Arquidiocese, o qual apresentou um projeto para a construção do Santuário (Figura 7), assim, a partir de 1974, já era possível à realização da novena e festa do Divino Pai Eterno no local.

O Santuário Basílica do Divino Pai Eterno é uma das referências religiosas em Goiás, que cresceu gradativamente em número de fiéis e hoje em dia recebe milhões para cultuarem o Divino Pai Eterno. Atualmente, o fluxo se dá primeiro pela fé e devoção à divindade, chamada de Pai Eterno. Em seguida, pelo número de atratividades que a festa pode oferecer atualmente.

Figura 7: Santuário Novo vistas das áreas externa e interna 1974



Fonte: <https://santuاريو-basilica-do-divino-pai-eterno.business.site/>

Em 1994, iniciou-se a reforma e adaptação do prédio, no sentido de dar o título de Basílica Menor em reconhecimento a sua importância dentro do contexto religioso e espiritual do lugar em que se encontra. O papa concede este título às igrejas consideradas em suas prioridades, por diversos motivos, entre eles destaco a veneração dos cristãos, a importância e a beleza artística da arquitetura e decoração. O título de Basílica Menor ao santuário foi dado em 2006, pelo então Papa Bento XVI, ao qual foi aceito e no aniversário de 100 anos, em 2012, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em 2013, recebeu um novo tombamento, dessa vez como Patrimônio Cultural Material do Brasil.

Atualmente, o santuário recebe na ocasião da festa, cerca de quatro milhões de devotos todos os anos com repercussão nacional e internacional, o número de

devotos cresce a cada ano, mediante o trabalho implementado pela tradição cultural religiosa, que também é mediado pelos meios de comunicação.

O evento religioso atualmente é comandado pelo Bispo atual D. Washington Cruz e pelos padres Redentoristas, sendo padre Robson novo Superior Provincial da Congregação do Santíssimo Redentor em Goiás e o reitor padre Edinísio, o qual foi coordenador das obras sociais, animador vocacional da Província de Goiás, formador do Seminário Padre Pelágio em Trindade, e diretor do Seminário, São Clemente, em Goiânia. Atuou como vigário na Paróquia Divino Pai Eterno (Igreja Matriz de Trindade) e, desde 2009, colabora no Santuário Basílica de Trindade, onde assumiu o cargo como novo reitor. Segundo Silva (2012), o padre Robson de Oliveira, é trindadense, foi ordenado aos 24 anos. Exerceu dois anos de trabalho na Pastoral de Vocações e na formação de jovens para a vida religiosa no seminário e depois foi para a Europa, primeiramente para a Irlanda e depois para Roma, onde fez seu mestrado em Teologia Moral pela Academia Alfonsiano, incorporada à Pontifícia Universidade Lateranense. Ao voltar de Roma, sentiu necessidade de ampliar a difusão da devoção ao Divino Pai Eterno.

Em 2011 foi padre Robson que tomou frente ao iniciar o processo de construção do Santuário Basílica conforme a maquete apresentada na (Figura 8), para melhor acolher os devotos. As obras começaram em 2012 e seguem em ritmo intenso de trabalho, a previsão de edificação do Santuário, pretende acolher com maior conforto e comodidade aos devotos do Divino Pai Eterno previsto para 2023.

Figura 8: Maquete de edificação do Santuário Basílica A nova casa do Pai (2012) projetada para (2023)



Fonte: <https://www.paieterno.com.br/2018/01/06/novo-santuario-maquete-virtual-mostra-estrutura-e-avancos-da-obra/>

Em construção desde 2012 e a pouco mais de 1 km do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, o projeto do novo santuário tem a sua construção acompanhada pelo padre Robson de Oliveira. Com essa mudança de Reitor, o padre Robson de Oliveira, assume atualmente a função de superior provincial dos redentoristas, em Goiás, o qual destaca em sua fala que “o templo em construção terá aproximadamente 12 mil metros quadrados, o que fará do local a segunda maior igreja do Brasil e a terceira do mundo. Além disso, haverá lugares para mais de 6 mil pessoas sentadas ou 13 mil de pé, sendo que a praça ao seu redor será capaz de abrigar até 250 mil pessoas.

O projeto de construção denominado a Nova Casa do Pai, foi elaborado em forma de cruz, as equipes de operários estão distribuídas por áreas e cada um se dedica a uma parte da obra. Ao lembrar-se do início da história de devoção ao Divino Pai Eterno e à proporção que essa fé tomou o trindadense padre Robson, de 42 anos, afirma que “Deus escolheu isso para o local que hoje se chama Trindade”.

Diante do aumento da infraestrutura do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, inaugurado em 2006, este foi criado, pensando no grande número de fiéis que tem aumentado nos últimos anos, os quais se deslocam de diversas cidades do país e, até mesmo do exterior.

1.2 Romarias ao Divino Pai Eterno

Para entender a história de devoção dos romeiros do Divino Pai Eterno em Trindade buscamos analisar aspectos pertinentes a religiosidade e a devoção ao Divino Pai Eterno tentando compreender seus sentidos, seu ritmo e o que ela transmite à vida dos praticantes e até mesmo as mudanças ocorridas na própria mediante as narrativas, que dão sentido às histórias de devoção.

A Romaria de Trindade, hoje, é considerada o maior evento religioso do Centro-Oeste, segundo do Brasil e a maior festa do ocidente, dedicado ao Divino Pai Eterno. Desde a descoberta do medalhão, por volta de 1840, os devotos do Divino Pai Eterno saem de vários lugares com destino ao Santuário para expressarem a gratidão ao Pai Eterno. Essas manifestações ocorrem em forma de romarias.

A Festa do Divino Pai Eterno celebrada em Barro Preto aumentou consideravelmente, a devoção, os fiéis que viajavam de várias regiões, a cavalos, bois e burros e parecia um acampamento militar, onde as pessoas

se acampavam em pastos e bosques. Nos carros de bois nos quais viajavam com barracas construídas com folhas de Palmeiras especialmente para os dias da festa (ANUAS, 1992, p. 19).

A partir do século XIX a funcionalidade dos carros de bois, ganhou novos sentidos, pois a cada dia os devotos usavam esse meio de transporte para chegarem até a festa, se tornando uma tradição secular. Assim, a Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno, torna-se uma ocasião aguardada com intensa expectativa, durante os dez dias de festividades em Trindade, marcada pelo tradicional desfile, que atrai muitos romeiros para a Capital da Fé de Goiás. Evento este que é proporcionado pela chegada de diversas comitivas que saem das cidades do interior goiano, entre elas está a Comitiva de Muladeiros que chegam para louvar ao Divino Pai Eterno e mantendo sua tradição viva.

Sobre a Romaria do Divino Pai Eterno, de Trindade, Coelho (2003) afirma que à história, da romaria é marcada por centenas de viajantes de várias partes do país os quais passam pelo carreiródromo da cidade, ocasião que são recebidos com muitos aplausos do público. Assim, acontece o desfile sendo um dia destinado aos carreiros e outro aos cavaleiros e muladeiros que enfrentam diversos dias sob o sol forte e estrada de chão, para chegar à Capital da Fé, sendo as maiores comitivas das cidades vizinhas como: Americano do Brasil, Jandaia, Anicuns, Povoado de Capelinha, Itaberaí, Sanclerlândia, Mossâmedes, Damolândia, entre outras cidades adjacentes.

Conforme parecer do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2016) A Romaria de Carros de Boi da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade, em Goiás, foi reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro, em (15 de setembro de 2016). Esse ato documental foi em reconhecimento pela representatividade e relevância da Romaria de Carros de Boi da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade, o interesse dos atores envolvidos na continuidade dessa tradição e, principalmente, a sua vitalidade, buscando contribuir as medidas de salvaguarda propostas no texto do Dossiê de Registro das Celebrações.

De acordo com Giddens (1991), podemos conceituar tradição como o modo de integrar a monitoração da ação com a organização espaço/temporal da comunidade, que não é estática, passando a mesma a ser reinventada a cada nova geração, conforme esta assume a herança cultural dos seus precedentes. Para ele, “a tradição não só resiste a mudanças como pertence a um contexto no qual há,

separados, poucos marcadores temporais e espaciais em cujos termos as mudanças podem ter alguma forma significativa” (GIDDENS, 1991, p. 44).

A tradição é vista como uma maneira de penetrar no espaço-tempo e uma vez “combinada com o hábito, mesmo na mais moderna sociedade, ela continua a desempenhar um papel, pois a tradição justificada é tradição falsificada e recebe sua identidade apenas na reflexividade do moderno” (GIDDENS, 1991, p. 45).

A identidade cultural de um povo, muitas vezes, está ligada à sua crença e, principalmente, à simbologia que envolve a tradição das práticas e celebrações religiosas. A devoção ao Divino Pai Eterno, em Trindade, começou por volta de 1840, quando um casal encontrou um medalhão entalhado com a imagem do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Desde então, muitas pessoas peregrinam até a região, caracterizando esta prática como imersa no catolicismo popular.

Essa tradição é repassada as novas gerações que buscam manter viva a tradição da romaria destes fiéis, constituídos por carreiros, cavaleiros e muladeiros, tornando assim, o evento considerado como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil desde 2017, por sua relevância histórica. Como apresenta a (Figura 9).

Figura 9: Carreiro de Damolândia seguindo o trajeto rumo à festa do Divino Pai Eterno.



Fonte: <https://www.identidadessonoras.org/identidades-sonoras/culturais/romaria-dos-carreiros/>

A figura acima mostra o ritual do Carreiro de Damolândia, cidade que tem a tradição de participar da romaria, que na maioria das vezes é formada por grupos familiares, com integrantes de diversas faixas etárias e se diferencia pelo nome de família. O nome de família, por sua vez, é transmitido de pai para filho por linha de descendência.

Com a Romaria dos Cavaleiros e Muladeiros, também não é diferente, uma vez que esses grupos familiares também mantêm estreita relação com a atividade

agrícola, já que muitos utilizam os equinos e muares nas atividades, visto que estes animais são resistentes, e atuam muito bem como animais de carga ou para tração, sendo muito úteis em campo.

No caso específico, desse estudo: Comitiva Capivari observa-se que esse grupo, integra indivíduos que possuem experiências com o campo, e que se comparado aos carreiros, alguns são proprietários de sítios e fazendas das cidades vizinhas, e se sentem dispostos a fornecerem animais para a Comitiva, estes se organizam na ocasião, com animais ornamentados para fazerem parte do ato de devoção.

Nesse desfile busca-se uma distinção entre grupos que é expressa pelo uso de uniformes, muito deles preparados exclusivamente para o evento, conforme mostra a (Figura 10) ocasião em que estes pedem a bênçãos ao Divino Pai Eterno montados em seus cavalos e mulas. O desfile é uma tradição passada de geração a geração, desde 1970, uma tradição levada muito a sério pelas famílias e grupos de fiéis e romeiros.

Figura 10: Saída em romaria da Comitiva Capivari (2018)



Fonte: Arquivo Pessoal

Assim, a Comitiva Capivari se organiza para a romaria e além dos cavaleiros, o grupo é acompanhado por uma equipe de apoio. A viagem segue o trajeto o qual é

percorrido em cinco dias até chegarem a Trindade. Durante todo o percurso há momentos de paradas para descanso, outros para a oração e diversão.

Silva (2017) em seus estudos *Caminhando para Deus: a romaria do Divino Pai Eterno de Quirinópolis a Trindade-GO*, cita que os grandes centros de romaria retomam a ideia do povo simples que deseja de maneira rápida “encontrar-se” com o sagrado, uma vez que, a caminhada é a maneira de comunicar e dedicar seu amor à divindade.

Nesse contexto Rosendahl (2012), explica esta herança, que pode ser encontrada na história baseada na peregrinação a Roma.

A peregrinação cristã católica, também ficou conhecida como romaria, pelo fato de consistir inicialmente na ida de devotos para cidade de Roma. Acredita-se que a graça divina é especialmente poderosa nos lugares visitados por Jesus Cristo, pelos santos ou pela virgem Maria, lugares quais eles aparecem em visões ou em que estão guardadas suas relíquias. Os principais centros de peregrinação incluem Jerusalém, Roma, Lourdes e centenas de outros centros de convergências religiosos cristãos espalhados pelo mundo. Existem santuários de nível internacional, nacional, regional e local (ROSENDAHL, 2012. p. 20).

Observa-se que no ocidente medieval, a ênfase era na peregrinação. A fé residia mais que no lugar a qual se pretendia chegar, nos percalços do esforço físico da rota, no distanciamento da vida cotidiana e no tempo necessário para conclusão da sofrida viagem. Nesse contexto busca-se entender a utilidade de se “crer”, que conforme Silva (2017) cita as devoções, mediante a visão de Quadros (2013) o qual considera a fé como aspecto típico da experiência religiosa, com sentido profundo, para a vida e para os cosmos.

Esse termo conforme a contribuição de Quadros (2013, p.20) denominou-se como plusificação, o que é gerado no ato de crer, o qual o autor usa uma fórmula da fé para esclarecer o significado para ato de crer. Pela fé $[F]$, a relação com o objeto $[x]$ coisa ou ideia, faz suplementá-lo, cria um plus poético, que pode ser expresso com uma fórmula matemática: $F(x) = n + 1$.

De acordo com Quadros (2013), a “fórmula da fé” apresenta um enigma, que se relaciona a dois termos, o ato religioso e o crer. Essa reflexão exige, além da representação de uma presença, um ausente invocado. A uma é fórmula legível e ao mesmo tempo simbólica da revelação de um mistério. Essa é a fonte do fascínio do devoto que consiste: crer e amar o que não se possui, mostrando assim a necessidade de ir à busca do sagrado o qual vai além de estruturas físicas explicadas pelo homem.

Mediante esse aspecto, ao se tratar da devoção, e propagação da fé, e o ato de pagamento de promessas, então entre as características mais comuns encontradas na romaria ao Pai Eterno. Nessa prática está o sacrifício do corpo como carregar objetos pesados, caminhar descalços, visto que os fiéis fazem essa ação como forma de “pagar” a promessa e a bênção recebida.

[...] na forma de promessas, oferendas e sacrifícios, são naturalmente mais fortes que um simples pedido verbal, pois que elas implicam um ato de consentimento muito mais denso e dramático, às vezes exigindo o gasto de parcelas de dinheiro que são críticas em termos de economia doméstica e pessoal do ofertante. Além disso, a promessa é um pacto que obriga os dois lados a alguma ação positiva no sentido de resolver o problema apresentado. Se eu, assim, peço uma graça e logo em seguida me sacrifico com a oferta de algo precioso para o santo (ou santa) de minha devoção, a lógica social faz com que ele (ou ela) também se obrigue a resolver meu problema, atendendo cortesmente a minha súplica (DAMATTA, 1986, p. 92).

Com a possibilidade de fazer a caminhada os fiéis também se apresentam em grupos nas romarias, mediante a busca de contato com o sagrado, por vezes, com a ação coletiva de algum grupo. Assim, a romaria com destino a Trindade, acontece há mais de 100 anos, atrai devotos de todo o Brasil, a maioria deles vem agradecer por bênçãos alcançadas e fazem questão de deixar seus testemunhos. Um símbolo de expressão de fé deste testemunho é a sala dos Milagres que é localizada na parte de trás do Santuário, conforme mostra a (Figura 11), sendo este espaço visitado durante os dez dias de novenas que na ocasião da festa, recebe milhares de fiéis trazendo objetos que simbolizam (representam) a graça recebida.

Figura 11: Sala dos Milagres



Fonte: <http://g1.globo.com/goias/festa-do-divino-pai-eterno/2014/noticia/2014/07/sala-dos-milagres-guarda-historias-de-fe-dos-romeiros-que-visitam-trindade.html>

Contextos como esses, são muito comuns na temporada da festa, no que diz respeito à devoção, quando os fiéis em atos de ação de graças, buscam pagar as suas promessas das mais variadas formas.

Para Santos (2010), em seu estudo sobre a devoção, intitulado “Como nascem os santos”? A autora discute a sustentação da fé, afirmando que o ato que sustenta a devoção é o sistema de trocas de bens simbólicos, onde a promessa, a graça e o pagamento da promessa ou da obrigação estabelecem a coesão e a ligação dos devotos com o santo (SANTOS, 2010, p.121).

Nesse contexto, a religiosidade no ato da fé, consiste na devoção que leva os participantes devotos do Divino Pai Eterno ou uma contemplação de fé, com trajeto que concentra pessoas de diferentes lugares para a rodovia dos romeiros. Assim, durante a caminhada, os fiéis seguem com o terço na mão, rezando, refletindo, agradecendo ou até mesmo pedindo alguma graça, ao mesmo tempo em que podem também, contemplar a paisagem, numa visão muito bonita da natureza. Para esse percurso, muitos devotos preferem ir de carro, outros de bicicleta a rodovia dos romeiros, vai sendo dividida em espaço de caminhada e devoção para todos.

Ao chegar a Trindade, logo na entrada da cidade, observa-se o Portal da Fé, um monumento arquitetônico muito marcante, o local possui uma grande imagem do Divino Pai Eterno, com a mensagem de boas-vindas aos fiéis, o monumento possui mais de 20 metros de altura. Conforme (Figura 12).

Figura 12: Portal da Fé que marca a entrada para Trindade.



Fonte: <https://www.ferias.tur.br/fotogr/138131/trindade-go-portaldafe-fotopeedinisiopereira/trindade/>

No local, também foi instalado um sistema de gotejamento de água benta, para que todos os fiéis que chegam caminhando pela rodovia GO-060 possam já receber as bênçãos na chegada à cidade. Um sensor instalado na entrada, com objetivo de fazer a contagem do número de fiéis que fizeram o percurso até a cidade.

Conforme esclarece padre Robson, a água, quando abençoada, passa a ter um sentido também espiritual. No ritual romano da celebração das bênçãos, número 1090, diz que, com a bênção da água, recordamos Cristo, que é a Água Viva e o sacramento do batismo, que nos fez renascer pela água e pelo Espírito Santo. Nas Sagradas Escrituras, a água é considerada símbolo de purificação (cf. Sal 51,4; Jo 13,8) e de vida (cf. Jo 3,5; Gal 3,27). Como dom de Deus, a água é instrumento vital, imprescindível para a sobrevivência e, portanto, um direito de todos (Compêndio da Doutrina Social da Igreja, número. 484).

Ao chegar à cidade da fé os fiéis são aspergidos com gotejamento a água benta 24 h, momento que eles se benzem ao adentrar a cidade sendo que no mesmo local um aparelho digital faz a contagem dos devotos

Figura 13: Gotejamento de agua benta.



Fonte: <https://www.paieterno.com.br/2019/06/29/romeiros-sao-aspergidos-com-agua-benta-no-fim-da-caminhada-ate-trindade/>

Em relação à água benta recebida, um costume muito antigo para os católicos mediante aos símbolos a Igreja usa com frequência a água como representação do sacramento do batismo, que nos fez renascer pela água e pelo Espírito Santo, o mistério de Cristo. “Ele próprio se apresentou como água viva e instituiu para nós o batismo, como sinal de bênção salvadora” (Ritual Romano- Celebração das bênções, número 1085).

Imbuídos nesse ato de fé a Romaria, à caminhada, muitas vezes é marcada por uma estrada íngreme e desafiadora, a qual deixa para cada romeiro ensinamentos de fraternidade, paciência e superação.

Existem também outros atrativos que funcionam como coadjuvantes nas motivações que levam os peregrinos à Trindade a começar pela Rodovia dos Romeiros¹, bem como o intenso comércio e as atrações a começar pelas barraquinhas, que tomam conta do percurso, até ao centro da cidade e dos arredores do Santuário Novo é tido também como um passeio bastante agradável. Mesmo quando se tem pouco dinheiro, esse é um passeio que permite aos peregrinos entrar em contato com uma variedade infinita de mercadorias muitas vezes não encontradas em suas regiões de origem, poucos voltam sem comprar alguma coisa.

Figura 14: Rodovia dos Romeiros ponto de acesso, aos romeiros devotos que vão a pé para o Santuário com várias paradas, pontos de apoio.



Fonte: <https://www.dm.com.br/cotidiano/2019/06/romaria-do-divino-pai-eterno-comeca-nesta-sexta-confira-a-programacao/>

¹ Se tratando da Rodovia dos Romeiros, o percurso do trevo de Goiânia, onde começa a rodovia, até a entrada do Santuário da Basílica do Divino Pai Eterno, são 18 km. Nesse trajeto, é possível encontrar pessoas agradecendo as mais variadas bênções. “Apesar do cansaço físico, o espiritual vem sempre renovado” (Fala do padre Jesus Flores, 2018).

Em observação na via do romeiro, durante a caminhada da fé, alguns elementos se fazem fortemente presentes, como foi observado na via de acesso à Basílica. O primeiro deles é a presença do Centro de Apoio ao Romeiro (CAR), que é uma ação da Organização das Voluntárias de Goiás (OVG), que dispõe de uma estrutura montada no quilômetro 9,5 da GO-060, na Rodovia dos Romeiros. O CAR (Figura 15) visa oferecer suporte aos romeiros, por meio de lanches, água e banheiros químicos. Nesse aspecto, o governo estadual mantém o compromisso em oferecer o atendimento aos romeiros do Pai Eterno que passam pelo local.

Figura 15: Abertura do Centro de Apoio aos Romeiros



Fonte: Organização das Voluntárias de Goiás (OVG)

O romeiro que vai a pé até trindade tem esse percurso como algo sagrado, visto que muitos chegam com os pés feridos, nesses pontos de apoio e recebem atendimento com podologia e curativos, com aferimento de pressão. Entre as principais dificuldades enfrentadas pelos romeiros está o sol escaldante, mas eles garantem que a fé ajuda a concretizar a caminhada. O objetivo é agradecer pelas bênçãos recebidas ao longo do ano, e que ninguém se importa com os imprevistos ao longo da caminhada.

Segundo padre Robson (2018), é importante destacar as questões explícitas na romaria ao longo dos anos, a cidade recebe romeiros e visitantes de todas as

partes do país para visitar o Santuário Basílica, porém esses visitantes nem sempre vão somente pela devoção, há aqueles que apresentam atrativos para o lado “profano, nesse aspecto, eles se misturam à ideia da visita pela fé”.

Durante a Romaria para a devoção ao Divino Pai Eterno essa situação fica bem clara: de um lado está toda a movimentação de fiéis, rumo à Basílica ou Igreja Matriz para pagarem as promessas bem como agradecerem as bênçãos recebidas ou reforçar seus votos de fé. Simultaneamente, encontram-se as barracas de todas as espécies de produtos como: bebidas, artigos religiosos, roupas, materiais de decoração, utensílios domésticos, comidas, bem como bingos, tiro ao alvo, parques de diversão, entre outros.

Para Brandão (1986), “O religioso apresenta uma construção do mapa simbólico, como um traçado de limites: primeiro separando o território sagrado do território profano”. Depois, quer adentrar no espaço sagrado, esse mapa imaginário do campo religioso, é guardado pela memória e invocado sempre que for preciso.

Por meio das crenças, a sociedade se define fazendo a separação qualidade das coisas sagradas, e, pelo rito, sanciona institucionalmente as modalidades autorizadas de atitudes do homem diante do sagrado. Os símbolos lógicos são construídos pelo homem, que toma como modelo a vida coletiva. Assim experiência religiosa sujeita em seu meio social, acontece numa dimensão individual. O sagrado, de fato, consiste na estrutura essencial da religiosidade, do momento em que a experiência humana é mediada, torna-se, portanto, sagrado, diverso, separado do uso profano, objeto de respeito, veneração e temor.

CAPÍTULO II

SACRALIDADE E DEVOÇÃO NO MUNICÍPIO DE JANDAIA

A pluralidade religiosa no município de Jandaia se faz presente na atualidade, a cidade apresenta uma significativa variação religiosa, porém com predominância na religião católica. No que se refere à sacralidade o município tem como legado as tradições culturais explicitadas na romaria Comitiva Capivari elaboradas pelos agentes sociais a partir da devoção que se estabelece no município. Tendo em vista, o fato da devoção ao Divino Pai Eterno estar presente desde os primórdios da fundação da cidade.

Em virtude disso, examinam-se as perspectivas tenta-se adotadas para a concretização da fé da população, bem como refletir as repercussões causadas na cidade, em relação à devoção. É a partir da análise do Catolicismo Popular luso-brasileiro em sua forma tradicional que se torna possível entender melhor a realidade e a presença do Catolicismo Popular na sociedade moderna, no seio da Igreja Católica. Partindo desta premissa busca-se conhecer as práticas sociais que sustentam a religiosidade dos Jandaienses, que anualmente são transmitidas e exercitadas, no caso da romaria Comitiva Capivari, expressando ao mesmo tempo os conteúdos sociais do envolvimento das pessoas com as divindades católicas e como elas foram se tornando protetora essencial à religiosidade popular.

2.1 Fundação de Jandaia

Para melhor compreender o município de Jandaia frente aos aspectos de religiosidade e devoção, fazemos um recorte sobre sua fundação, com o povoado que surgiu à margem direita do córrego Água Limpa, na fazenda de propriedade de Bernardino Vivaldo dos Santos, oriundo do Estado da Bahia, este, em 1927, doou a Santa Luzia, 05 (cinco) alqueires de terras. Francisco José de Moura doou mais 10 (dez) alqueires, e assim construíram um rancho de palha que servia de templo, no início do povoado.

Figura 16: Vista panorâmica da cidade Jandaia (1984)



Fonte: Arquivo pessoal

Em 1929, em cumprimento de uma promessa a Nossa Senhora da Abadia e Santa Luzia, feita pelos doadores, foi construída uma capela, a partir de sua inauguração, foram surgindo várias construções em sua volta, formando-se o povoado que recebeu o nome de Água Limpa. Diante dos esforços de Daniel Gomes, o povoado foi elevado a distrito, em 4 de janeiro de 1935, pelo Decreto-Lei número 113, pertencente a Palmeiras de Goiás, dando-se sua instalação no dia 6 de março do mesmo ano.

Em 1936, a construção da Rodovia Goiânia - Rio Verde, passando próxima a Água Limpa, trouxe grande impulso ao crescimento do distrito. Pelo Decreto-Lei estadual número 8.305, de 31 de dezembro de 1943, o Distrito de Água Limpa recebeu nova denominação, Jandaia, nome este devido à grande quantidade de mulatas, da espécie denominada jandaia existentes na região. Sendo o município criado pela Lei número 791, de 05 de outubro de 1953, com sede no distrito de Jandaia, então desmembrado de Palmeiras de Goiás, município a que o distrito se subordinava até essa época.

Figura 17: Mapa da localização de Jandaia – GO



Fonte: Google Mapa 2020

No que se refere à religiosidade e devoção no município de Jandaia, leva-se em consideração o crescente número de pessoas devotas que reúnem para se deslocarem mostrando sua manifestação religiosa em louvor a festa do Divino Pai Eterno. O deslocamento periódico de pessoas constitui o rito da romaria. Sendo que o modo de fazer o percurso é o que distingue o caminho que oromeiro percorre e a idealização da chegada, no caso, à casa do Pai Eterno, nesse contexto homens e mulheres parecem intensificar a religião a procura de provas de fidelidade ao sagrado, mergulhadas no âmbito de crenças envolvendo compromissos de vida com sistema religioso, por meio da peregrinação.

2.2 A religiosidade e devoção da população de Jandaia: Comitiva de Muladeiros

“Tradição” é a palavra que define a cultura, e a devoção dos devotos do Divino Pai Eterno Município de Jandaia, movimento conhecido por reunir dezenas de muladeiros de todas as faixas etárias que em clima de festa e muita fé, buscam comemorar essa devoção realizando o percurso até a Capital da Fé (Trindade), tendo como meio de transporte mulas, burros e cavalos conhecidos como animais resistentes, estes fazem o percurso de cinco dias, para cumprirem a tradição religiosa dos jandaienses.

Nessa perspectiva busca-se nas narrativas de Pioneiros de Jandaia, discutir a cultura religiosa da cidade a fim de detectar como é mapeada essa organização, em virtude do reflexo religioso da população com intuito de demonstrar como originou a

estratégia de permanência da tradição da romaria, no contexto da religião popular, tanto rural como urbana, sob o olhar de intercâmbios entre tradição e história dos devotos a romaria, e como este tem sido preservada ao longo do tempo.

Segundo Brandão (2007), o “povo fiel compartilha a investidura de uma identidade que recobre com o nome dos sagrados de respeito e legalidade, além de um tipo de saber primário que fundamenta toda lógica e o repertório do uso fácil de símbolos e mitos de significação popular de todas as coisas”. Portanto a prática religiosa do devoto, o acesso obtido às frações do mistério que se concretiza na certeza de partilha e poder.

Nessa prática o devoto faz o percurso de Jandaia a Trindade, com a distância de aproximadamente 114 km, esse trajeto vários grupos jandaienses compartilham tempo e espaço todos os anos. Alguns fazem a opção pela caminhada, outros com carro de boi, a cavalos e mulas, marcando anualmente o evento com o grupo de Muladeiros, que compõem a Comitiva Capivari, esses integrantes fazem seu trajeto em rodovias e estradas, cortam fazendas em ritmo de romaria e se dirigem para Trindade, com desejos de expressarem sua fé em agradecimento as graças recebidas.

Ao longo de todo trajeto, os fiéis buscam resgatar a cultura dos tropeiros como também a cultura de antigas comitivas a fim de manterem a tradição e, seguirem acompanhados das bênçãos e da proteção do Divino Pai Eterno.

Na organização da romaria o Sr. Mauricio Ferreira, 60 anos, filho do Senhor Antônio Ferreira patriarca e idealizador da Comitiva Capivari, é residente na fazenda Capivari no município de Jandaia desde 1957. Esses romeiros têm como missão participarem dos encontros, buscando organizar a romaria desde os primeiros preparativos.

Já a prescrição do movimento, que necessariamente deverá ser realizado quando se está inserido no ritual da peregrinação, nos remete também, e ao mesmo tempo, à ideia de sacrifício e de circulação da dádiva. O sacrifício possui como um caráter essencial a “perfeita continuidade que nele se requer. A partir do momento em que é iniciado, deve continuar até o fim sem interrupção e na ordem do ritual” (HURBERT; MAUSS, 2001, p.166).

Nessas manifestações, a família surge como uma unidade organizacional básica, e o nome de família como uma categoria capaz de estabelecer distinções e de organizar um expressivo universo moral e simbólico que perpassa a experiência ritual da peregrinação. A preparação dos grupos de fiéis para a romaria envolve

diversas atividades, como reparos eventuais nas celas, preparação dos mantimentos que serão consumidos, os pousos, os almoços e jantares, os campos de pastagens para os animais, a água de consumo e as fazendas que vão recepcionar os devotos.

Essas atividades são executadas por jandaienses constituídos por diversas faixas etárias entre homens e mulheres, de acordo com suas práticas no cotidiano da cidade e da vida rural que propagam sua fé em peregrinações até Trindade.

É nesse clima, que os peregrinos de Jandaia seguem viagem para chegarem ao Pai Eterno. Durante a romaria, os muladeiros e demais participantes se colocam na posição de herdeiros, guardiões e transmissores de costumes da vida rural, mediante as profundas mudanças com o advento da modernização que avança na região. A ideia de que a modernidade se afirmar, contrapondo-se à esfera cultural.

Quadros (2013) reafirma em seus estudos intitulados: *o poder simbólico na política de Goiás: a consagração religiosa da nova capital* que esse novo modelo de vida, nos leva a considerar tal como afirma Simmel:

A cidade é um local para além das trocas econômicas, reconhecendo que as grandes cidades sempre foram, prioritariamente, o lugar da economia monetária, até porque a multiplicidade e concentração da troca econômica dão ao meio de troca uma importância que não existiria na escassez da troca no campo (SIMMEL, 1995, p. 578).

Essas trocas acarretam em uma nova sociabilidade, novos valores, enfim, uma nova cultura, desse modo, centralizou ao modo de vida rural como manifestação cultural privilegiada, sobretudo porque as comunidades permitem analisar e compreender, por meio das relações de vizinhança, de amizades e da religiosidade. Na concepção dos produtores rurais, sobretudo do camponês, a comunidade é também uma força produtiva que se refere à contribuição que cada um pode realizar e a reciprocidade construída por pessoas em sua relação com os outros membros dessa comunidade.

No espaço rural do cerrado, na criação dos animais que o termo cultura torna um objeto de reflexão, quando se trata do homem do campo e sua origem, uma vez que quando cultiva alguma coisa, ele sabe que contribui com uma parte muito esquecida nos dias atuais que é a natureza. Também contribui com a parte de sustentação para o meio urbano, com o fornecimento de alimentos, animais entre outros derivados.

Sabe-se que atualmente, no espaço urbano predomina uma lacuna histórica, pelo desapego dos cidadãos que vão se distanciando da maioria dos costumes e tradições de cada povo. Tudo parece imediato, instantâneo. Todas as técnicas parecem pretender manipular a realidade. Talvez nessa transição do campo para a cidade, perdemos um contato com a realidade. Nesse sentido, se trata simplesmente de lembrar a riqueza do ato de compartilhar, preservar e garantir, perpetuando assim, a memória individual ou coletiva de um povo.

Em relação à memória individual, tudo aquilo que se é gravado, excluído, lembrado, nada mais é do que o resultado de um trabalho de organização. Quando se trata de memória herdada, a memória pode ser considerada como um elemento pertencente ao sentimento de identidade, tanto individual quanto coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (ROCHA, 2012, p. 4).

A Comitativa Capivari, ao longo do tempo resgata fatores cruciais e necessários para que o indivíduo consiga ressignificá-los e tomá-los para si como uma herança, um legado dinâmico, plenos os significados e que passam a fazer parte da vida cotidiana de todos. Ela é composta por trabalhadores rurais e pessoas da cidade, numa mistura de tradição e modernização.

Segundo Brandão (2009, p.135), nas festas existem aspectos “entre a tradição e a modernidade, que se sustentam do lado mais profano do que se vive e festeja: o leilão, o baile, os jogos e o parque de diversões”, uma vez que a festa é o momento de diversão, dança e prazeres.

Nem sempre é fácil separar, nestes momentos de fé e festa, o sagrado do profano, a diversão da devoção, a celebração religiosa da comemoração da memória. Nos dias de uma festividade, em um dia inteiro de uma celebração a um santo padroeiro, em alguns momentos de prece coletiva diante de um altar de igreja ou um altar rústico construído ao lado da casa de um sítio da “roça”, sob um toldo de lona, como separar a solenidade que torna coletivamente aceita a necessidade de ordem e a festividade transgressiva que, ao menos em aparência, parece sempre querendo desafiá-la (BRANDÃO, 2009, p. 127).

Nesse aspecto, o conjunto de comemorações da Festa do Divino, que acontece em quase todos os municípios da região goiana, permite vê-la como uma única festa em vários lugares e, fundamentalmente, são capazes de revelar o potencial de organização e solidariedade sensíveis à organização de uma festa e de um grupo social.

As festas religiosas acontecem conforme os costumes e tradições e são configuradas como momentos de orações e de comunhão com o sagrado, de interação com o outro. É essencial entender o poder e o significado da festa, seus ritos e celebrações, servir-se para reatualizar o significado dos acontecimentos e se purificar.

Porém cada região tem a sua especificidade, os trabalhos de organização do percurso, alimentação, a vestimenta (camisas padronizadas e alguns acessórios) ficam a cargo dos idealizadores da Comitiva Capivari, que preservam os costumes da tradição religiosa. Os produtores rurais além de fornecerem os mantimentos são responsáveis pela organização das tropas e transporte.

Figura 18: Comitiva Capivari em diferentes faixas etárias (2019)



Fonte: Arquivo Pessoal

A chegada da romaria é programada para anteceder o dia do desfile, pois, se faz necessário o descanso das tropas e muladeiros para o desfile até ao Carreiródromo. Os participantes são de diversas faixas etárias compreendidas entre 8 anos a 80 anos.

Em Trindade muitas pessoas se integram a romaria, logo na chegada todos os participantes recebem congratulações de boas-vindas. Chegando no Carreiródromo, todos são acolhidos com devoção e fé, a abertura é feita pela banda municipal formada pelos bombeiros mirins e pela Polícia Militar. Assim, o desfile segue com os cavaleiros e muladeiros que abrem o evento; um cavaleiro carrega a Imagem do Divino Pai Eterno e os demais levam as bandeiras, sendo elas a do Brasil, a do Estado de Goiás e a do município de Trindade. A (Figura 19) ilustra esse momento da chegada da Comitiva.

Posteriormente os demais integrantes seguem todos "escortados" por berranteiros (as) passando pelo Carreiródromo. Sendo acolhidos com o hino nacional, abrindo assim, oficialmente o desfile.

Figura 19: Abertura do desfile de Cavaleiros e Muladeiros.



Fonte: <https://www.paieterno.com.br/2017/06/30/desfile-de-cavaleiros-e-muladeiros-e-destaque-na-romaria-2017/>

Dentre a multiplicidade de significados que a festa oferece ressalta-se: os seus valores culturais, religiosos, entre outros atributos, mediante a representação deste evento para os devotos enfatiza-se a religiosidade como fator relevante em todas as épocas, sendo compostos por uma série de ritos, mitos, crenças que fazem parte da religiosidade. De acordo com Turner (2005), esses rituais são momentos extraordinários que condensam aspectos da vida social, e que individualizam fatos ou relações sociais colocando-os em foco através da dramatização os costumes de um povo. Para DaMatta (1997), a romaria, ao seguir um estilo de um ritual condensa valores e princípios que organizam a vida social do grupo.

Diante destas afirmações, o caráter cultural e religioso, reflete sentimentos, significados e percepções diferenciadas para os seus participantes. Em relação ao aspecto social da romaria. Segundo Araújo (2009), este aspecto, é expresso por seu caráter festivo, fazendo com que o santuário se torne um núcleo de encontro no qual aquele que leva seu voto e promessa a ser cumprida sendo favorecido por um espaço de convivência.

Na romaria, o indivíduo se desvencilha especialmente dos entraves da modernidade e se lança a uma vivência comunitária em que se articulam valores que fazem parte da tradição.

As romarias são espaços de encontro com o outro e nesse sentido, o símbolo tem uma dimensão relacional em que “o objeto simbólico não é somente o receptor de uma hierofania. A vivência da hierofania verbaliza-se, faz-se palavra que a ‘comunica’ a outros, os quais, por sua vez, podem entrar na mesma esfera numerosa.” Neste sentido, o símbolo “é gerador de um vínculo entre os seres humanos” e em função disso, “sua própria existência representa um ato social. Se é social o símbolo natural, profano, também é social o símbolo religioso” (CROATTO, 2004, p. 101).

Para Araújo (2009), o romeiro, visto como “agente socializador”, facilita e melhora a vivência e convivência entre as pessoas nos seus diversos ambientes, a começar pelo conhecimento e pela troca de experiências mútuas favorecidas durante a caminhada e no contexto da romaria, levadas depois para o do seu dia a dia. Aquilo que aprende com a fé, na romaria, é posto na prática cotidiana, onde a mesma é sempre lembrada.

Assim, é a partir da experiência que se experimenta frente ao sagrado, bem como aquilo que aprende com os demais, é capaz de produzir no indivíduo uma transformação de vida fazendo com que o mesmo seja capaz de, pelo exemplo, levar as pessoas também a desejarem passar pela experiência por ele vivida, ao participar de uma romaria, mediante a intensidade com que se vive a fé, na companhia de outras pessoas, tende a estar cada vez mais fortalecido na devoção.

Para Steil (2003), ao perceber que entre os romeiros, ainda que entre os que se inserem em uma perspectiva de participação de tipo individual, duas categorias se estabelecem: uma relacionada à tradição, do peregrino, do romeiro simples e outra correspondente à modernidade líquida, do turista.

Essa relação entre peregrinação e turismo é um destes objetos que se percebe como um ponto de interseção nodal, onde se pode verificar a tensão entre múltiplos significados que são postos em risco nos locais de peregrinação e turismo religioso (STEIL, 2003, p. 45).

Assim, romeiros e turistas em sua maioria, se confundem tanto em relação as suas motivações quanto aos seus comportamentos, é difícil fornecer indicadores para distinção e demarcar claramente uma linha de fronteira entre turistas e peregrinos, pois, na realidade, como se observa existe uma miscelânea de atos

religiosos e turísticos praticados no mesmo espaço. Torna-se difícil saber se estamos diante de um turista ou de um romeiro. Contudo, faz-se necessário ressaltar que há muitos romeiros que vêm para a festa por outros motivos, seja pela parte social, econômica, ou simplesmente para estarem junto a multidão.

No contexto da festa, os devotos romeiros que vem à Trindade, no caso do grupo Comitiva Capivari, movido pela fé, e “cheios de alegrias” fazem questão de dizer o quanto a vida deles tem se transformado a partir do momento em que conhecem a devoção. A maioria desses devotos ressaltam que encontram, na devoção, as respostas às suas inseguranças, seus problemas e angústias. Diante disto se revela que permanece o fenômeno religioso na manifestação do catolicismo popular, na Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade. Percebe-se que a atenção da Igreja sobre os fiéis se dá em razão de que, no campo religioso, onde se manifesta a luta pelo poder simbólico, onde estão em jogo diversos agentes, cada um, com suas ações, descrevem hábitos específicos, independentemente de suas vontades.

Mediante essas especificidades, diversos recortes podem ser feitos, dependendo da atenção que se dá a cada momento e a cada grupo que colabora para que a festa religiosa aconteça assim sendo, encontram em ação, a equipe sacerdotal, os fiéis, os voluntários com a fidelidade à execução das propostas planejadas.

O segundo grupo constituído de fiéis ou romeiros, também podem ser vistos como devotos unidos pela fé, em suas práticas religiosas, que formam uma comunidade única, uma classe, porque está compreendida em uma determinada categoria a devoção ao Divino Pai Eterno. São eles agentes em campo, que através dos hábitos, no dizer de Bourdieu (2007), garantem o funcionamento sistemático do corpo socializado.

Faz-se necessário destacar um terceiro grupo de fiéis consiste nos grupos de voluntários (as) que auxiliam diversos pontos das festas desde o atendimento ao romeiro nas rodovias até as celebrações para a realização da festa, ainda há o apoio institucional do clero e da administração local, pois, incluem também planejamento da cidade para receberem os romeiros.

Dentre os atrativos mencionados enquanto a realização da festa, o cotidiano da cidade é alterado mediante a dinâmica da acolhida, preparando ruas e demais espaços para abrigarem os devotos e comerciantes. E é nesse contexto diversificado que os grupos (carreiros, muladeiros, romeiros) participam do evento, demonstrando

a riqueza e a diversidade cultural presente no território goiano mediante a devoção ao Divino Pai e, sobretudo, o ato de fé, presente nas manifestações culturais.

Posteriormente, veremos como parte da caracterização metodológica desta pesquisa, a organização e o percurso da romaria Comitiva Capivari, e como esses tropeiros compartilham desse trajeto, permitindo assim, realizar um levantamento de dados acerca dos grupos que participam do evento.

A partir dos depoimentos dos pioneiros e membros que integram ao ato da devoção, os dados coletados, vão traçar um perfil de cada um dos grupos entrevistados com destaque o elemento religioso, a devoção ao Divino Pai Eterno.

2.3 O Sagrado e profano: Turismo religioso e comércio na festa do Divino Pai Eterno

Mediante ao aspecto da festa em louvor ao Divino Pai Eterno alguns pesquisadores como Pierre Nora (1993), Nascimento (2019) e Bosi (1994), destacam que imbuídas de caráter sagrado ou profano, as mesmas correspondem a um tempo-espaço especial que as duas categorias se relacionam em um contexto Religioso).

“Ecléa Bosi (1994), em sua obra *Cultura de Massa*” e *“Cultura Popular”*, destaca a esse respeito: “A memória está além da cronologia das horas contadas no relógio, pois é algo profundamente subjetivo e repleto de significado para o sujeito. Aqui a dimensão do tempo pode ser sentida e percebida de forma singular por cada indivíduo, dependendo da situação que está vivendo. Portanto a memória como função social, descrita pela autora, é reconhecida como o vínculo com outra época, com a consciência de ter vivenciado desafios e conquistas associados ao sentimento de pertencimento de um povo.

Para determinados peregrinos os elementos de construção do sagrado e seus valores simbólicos não possuem eficácia, ao contrário do devoto que se desloca a esses destinos a fim de renovar o compromisso com a invocação sagrada para render graças, fazer promessas e cumprir penitências. Nesse contexto, os elementos formam o campo do sagrado e profano e traz no bojo questões conflitantes, visto que, como um espaço multicultural e multireligioso.

Perez (2012), aponta uma direção sobre essa prerrogativa ao informar que a principal fonte da mestiçagem/hibridismo/sincretismo no Brasil, é o de fundo religioso e inspiração festiva. Espaços sagrados interagem com os profanos a partir dos

elementos que compõem a festa, nesse sentido é possível verificar pela reflexão da autora, a devoção e a diversão no mesmo espaço em diferentes intensidades e territórios da celebração dos santos e padroeiros católicos brasileiros.

Conforme destaca Nascimento (2019), em seu texto intitulado: “Santidades Ibéricas” entre o sagrado e o profano: A consolidação da memória cristã é fortalecida em lugares e objetos. Nesse contexto, o conceito de sagrado incorpora uma enorme complexidade, pois fundamenta-se na ideia de que existe algo maior, misterioso, distante do que é comum profano.

“Lo sagrado cristiano está concentrado en tiempos, lugares y hombres, que instauran un espacio fuera del espacio, que permite distinguir las esferas opuestas de lo sagrado y de lo profano, de delimitar las fronteras de la pertinência a la sociedad cristiana”. (IOGNA-PRAT, 2016, p. 15).²

Para Nascimento (2019), a espiritualidade presente entre o povo expressava-se de forma diversa, havendo em geral uma espécie de sincretismo mítico-religioso, necessitando sempre de um controle da Igreja.

As formas espontâneas de devoção contribuíram para o aumento do número de santos e mártires que povoaram o universo cristão. As diferentes formas de compreensão da religiosidade estabelecida nem sempre foram consideradas perniciosas, pois seus protagonistas também se submetiam ao culto oficial, fazendo interpretações da doutrina recebida.

Na pedagogia adotada havia lugar especial para a devoção aos santos e seus despojos, considerados representações palpáveis de sua existência terrena. Para tanto vários cultos alcançaram status privilegiado e foram conquistando adeptos, incentivados e promovidos por bispos, monges e pelo próprio papado. (NASCIMENTO, 2017, p. 43)

Em relação ao profano, alguns comerciantes veem na Festa do Divino Pai Eterno, uma oportunidade de lucro, auxiliando no aumento da renda. Assim a demanda para o consumo é outro sentido promovido por um evento anual, com caráter religioso, mas que, não exclui os aspectos profanos que fazem parte da dinâmica cultural da festa. Mediante esse aspecto, é possível avistar nos espaços sagrados na porta e no largo do Santuário, bem como nas proximidades da Matriz um comércio

² "O cristão sagrado concentra-se em tempos, lugares e homens, que estabelecem um espaço fora do espaço, que permite distinguir as esferas opostas do sagrado e do profano, de delimitar os limites de relevância para a sociedade cristã" (IOGNA - PRAT, 2016, p. 15).

que, às vezes, não se insere na atmosfera sacra do rito festivo. Sabe-se que os elementos religiosos influenciam de forma significativa o cotidiano da sociedade. Portanto, percebe-se também o entendimento acerca da formação do sentimento de pertencimento, pois uma festa de padroeira apresenta a manifestação cultural e religiosa de uma dada localidade.

O Sagrado sendo compreendido como algo espiritual, divino., enquanto o profano seria tudo aquilo que atribuímos como sinônimo de mundano, pecaminoso, isto é, aquilo que está fora do contexto de religião.

No entanto, torna-se bastante difícil tentar apresentar uma definição em separado acerca de Sagrado e Profano, pois eles dialogam cotidianamente. São experiências que compartilhamos ao longo da vida religiosa, através de práticas pessoais, solitárias e em sociedade de forma coletiva.

Na festa de Trindade o antigo Beco dos Aflitos se configura como um dos principais espaços para a comercialização de produtos. No entanto, o comércio se estende até ao Santuário Novo. Nesse contexto a invasão do comércio informal muda a paisagem da cidade durante os dias do seu acontecimento. Pelas ruas é possível encontrar produtos vinculados à religiosidade da festa. São terços, bentinhos, imagens de santos e padroeiros, escapulários, fitinhas, CD's de músicas religiosas sacras entre outros artigos. Para a maioria destes comerciantes o território do comércio também é visto por alguns devotos como algo que pertence à festa, visto que é nesse ambiente que alguns fiéis se alimentam e compram presentes, tais como objetos e artigos religiosos.

Os comerciantes estabelecidos na cidade também lucram no período da festa. Eles vêem os seus pontos comerciais sempre cheios de pessoas que consomem os produtos oferecidos, sejam na parte alta da cidade com padaria, lanchonete, pizzaria, bares e restaurantes, para lucrarem durante a festa, bem como nas proximidades da Matriz.

A festa do Divino Pai Eterno de modo geral, faz parte de um contexto maior que engloba a cultura popular. Desde os primórdios, o homem gravou no seu calendário anual, àqueles dias dedicados ao tempo de agradecer, de comemorar e de celebrar os acontecimentos que se tornaram importantes, os quais devem ser lembrados ritualisticamente.

Mesmo que muitos estudiosos queiram distinguir o sagrado e profano, essa distinção torna se difícil, necessitando de um para afirmar o significado do outro,

formando um discurso que organiza um sistema simbólico num determinado contexto cultural. No entanto o sagrado, hoje, coloca-se mais na definição dos espaços de laicidade.

O segredo do comportamento do homem religioso em relação ao Tempo. Visto que o Tempo sagrado e forte é o Tempo da origem, o instante prodigioso em que uma realidade foi criada, em que ela se manifestou, pela primeira vez, plenamente, o homem esforçar-se-á por voltar a unir-se periodicamente a esse Tempo original (ELIADE, 1992, p. 44).

A esse comportamento atribui-se de um lado, a permanência de rezar, celebrar, de se alegrar. Para os fiéis, o sentido sagrado se expressa como motivo religioso muito forte, que é a devoção ao Divino Pai Eterno e em contrapartida, algumas pessoas festejam sem se preocupar se a festa é de cunho religioso.

Neste sentido, a festa é entendida como sagrada, porém, ocorre que juntamente com o que é sagrado, aparece o profano, e essa constatação é evidenciada após as procissões e celebrações que são momentos onde os fiéis rezam, cantam, pagam promessas, se emocionam com o tempo sagrado, no entanto, vive-se o lado profano da festa, a qual as pessoas se vêem o lado da festa como forma de encontros para diversão, sem nenhuma intenção religiosa.

Para Durkheim, (1989, p. 72) os fenômenos sagrados e profanos resultam da criação do ser humano e não de uma transcendência ou divindade.

O sagrado é o heterogêneo do profano, é aquilo que o profano não pode tocar. O sagrado possui em sua essência tanto o bem quanto o mal, enquanto o profano não é o mal, é apenas a ausência do sagrado. E é essa a ambiguidade do sagrado: “[...] ele é o santo e o maligno, o fasto e o nefasto, o puro e o impuro”. (DURKHEIM, 1989, p. 72)

O sagrado expresso por Durkheim é a representação da sociedade. As “coisas” sagradas determinam o proibido e as crenças, ritos e símbolos surgem como orientações para a formação de uma comunidade moral, enquanto a religião, elaborada pelo ser humano, surge como uma idealização da sociedade.

CAPÍTULO III

O PERCURSO DA ROMARIA A TRINDADE, TRADIÇÃO E NARRATIVAS DE PIONEIROS E INTEGRANTES DA COMITIVA CAPIVARI

Este capítulo busca apresentar o processo de preparação da romaria da Comitiva Capivari a Trindade, pois além de ser uma manifestação religiosa é também uma manifestação cultural, que revive tradições e memórias sociais. Pretende-se, aqui, apontar o trajeto da Comitiva Capivari formada em Jandaia Goiás, bem como compreender sua importância no aspecto de tradição religiosa.

A tradição da romaria de muladeiros surgiu na Fazenda Capivari as margens Rio Capivari onde a tradição religiosa da romaria de muladeiros Comitiva Capivari deu início e continuou passando pelas gerações até os tempos atuais. Localizada a 114 km de distância de Trindade-GO, os devotos participantes da Comitiva, tem diferentes razões que os levam a essa peregrinação até a cidade de Trindade. A principal, é para agradecimento das bênçãos recebidas, ou até de uma promessa feita, fazendo com que seja cumprida aos pés do Divino Pai Eterno.

Pela narrativa de Laurito, 34 anos:

São muitas graças recebidas uma delas é meu relacionamento com o meu pai, a Comitiva nos aproximou de um jeito muito bonito, hoje sua amizade é a mais importante que tenho. Minha perseverança no seminário, rumo ao sacerdócio, também atribuo a uma graça do Divino Pai Eterno. Minha ordenação diaconal está marcada para o dia 14/12/2019 graças a Deus (Laurito Nazaré Alves Deliberto, junho, 2019).

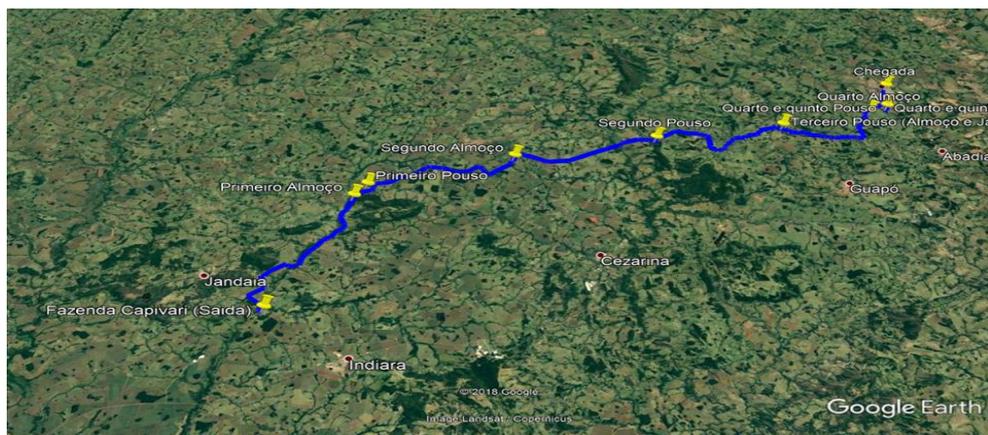
Nesse contexto a romaria Comitiva Capivari é traçada pela convivência social dos integrantes, o quadro abaixo apresenta função dos entrevistados da romaria Comitiva Capivari a Trindade, que no evento reúnem-se os parentes e amigos para irem de encontro ao Pai Eterno montados em seus animais: mulas, mulos para assim, compartilharem os momentos de confraternização até ao destino da festa.

GRUPO	NOME	IDADE	FUNÇÃO NA ROMARIA	TEMPO DE PARTICIPAÇÃO NA ROMARIA COMITIVA DE MULADEIROS CAPIVARI
GRUPO (1)	Jerônimo Pereira Lopes. Neto	28	Integrante	8 anos
	Laurito Nazaré Alves Deliberto	34	Integrante	5 anos

	Paulo Júnio de Carvalho Giron	39	Integrante	11 anos
GRUPO (2)	André de Faria Jardim	42	Integrante	14 anos
	Antônio Mauricio do Vale Faria	40	Organizador	14 anos
	Eduardo Batista Ferreira	42	Organizador	14 anos
	Romulo Vicente de Moura	55	Organizador	14 anos
	Adriana Montagno de Faria	64	Organizador	8 anos
GRUPO (03)	Humberto Assis Deliberto	60	Integrante	8 anos
	Sebastião José Soares	70	Integrante	5 anos
	Gilberto da Rocha Santana	62	Integrante	14 anos
	Maria Batista dos S. Ferreira	71	Integrante	14 anos
	Maurício Antônio do Vale Faria	65	Organizador	14 anos

Durante o percurso da romaria é possível acompanhar as atividades religiosas que fazem parte da tradição, a fim de estabelecer uma relação de companheirismo e amizade. Essa convivência me possibilitou a realização das entrevistas com maior clareza. Aos poucos se percebe o envolvimento e as relações dos participantes que há muitos anos fazem a romaria. Pode-se afirmar que a romaria cria um laço especial entre romeiros que perdura fora do contexto da romaria, estabelecendo uma rede de relações de amizade e confiança, mas também de tensões afloradas. Como Steil (1996, p. 93) destaca: a Romaria apresenta situações de “igualitarismo e irmandade”. A (Figura 20) descreve o trajeto percorrido pela romaria da Comitiva Capivari a Trindade, destacando as paradas e o pouso nas respectivas fazendas, que já se encontram preparadas para receber com muito carinho e presteza cada integrante da romaria.

Figura 20: Mapa do trajeto dos devotos da Comitiva Capivari a Trindade – Go



Fonte: Google Earth 2020.

A tradição dos primeiros romeiros que faziam esse trajeto de Jandaia a Trindade antigamente, era acompanhado pelos carros de boi e pela carroça, que servia para levar os mantimentos básicos que atualmente tem sido substituído pelos veículos. A mudança se fez necessária e imposta pela sociedade, pelas estradas asfaltadas apresentando uma ressignificação da romaria, mas não se perdeu a tradição, sendo adaptada às novas necessidades.

Ao entrevistar o Sr. Maurício Faria um dos integrantes da Comitiva, sobre sua função na Romaria o mesmo destacou:

Tudo começou comigo quando reuni meus primos na primeira e depois surgiu a ideia de irmos na comitiva do Mauricio, vamos na Comitiva Capivari e eu me vi na obrigação de coordenar, porque quando junta um número grande de pessoas tem que ter alguém para coordenar, o coordenador tem que pensar o início até a chegada até a volta, tem que pensar quem vai, quantas pessoas vão a compra das camisas a confecção do uniforme, a celebração da missa da saída, a cozinha, a tropa, o frete do transporte desses animais, o local dos pousos principalmente, porque quando você vai com meia dúzia de pessoas você pousa em qualquer lugar, mas com o número de participantes que temos hoje que dá em média 45 a 50 pessoas não qualquer lugar que você acha o pouso e lugar para ficar os animais descansarem, seis meses antes começo a fazer as visitas e marcar os lugares onde faremos o pouso e fazendo os compromissos pra poder fazer o melhor para os integrantes da comitiva, minha função é fazer o melhor para todo.”(Maurício Faria, junho, 2019).

Mediante a fala do Sr. Maurício Faria, observa-se, por conseguinte, que os romeiros continuaram bastante apegados às tradições, como as caminhadas nos carros de bois, com as comitivas e as promessas, sendo que os valores que mais importam para eles são aqueles que dão sentido à vida em comunidade.

O relato do Sr. Humberto, descreve uma graça recebida.

Uma das mais significativas foi a gravidez da minha filha Laura que era de risco. Dentre tantas preocupações e sustos graças ao Divino Pai Eterno nasceu o meu neto Josué alegria da minha vida (Humberto Assis Deliberto, junho, 2019)

Prova disso é percebido na sala de milagres, um espaço pertencente ao Santuário do Divino Pai Eterno em que há exposição de diversos objetos que se relacionam com as graças alcançadas. As pessoas que vão ao Santuário gostam de visitar essa sala. É um lugar de verdadeira fé expressa nas fotos e objetos que demonstram os milagres: muletas, aparelhos ortopédicos, cadeiras de rodas etc. Esses objetos demonstram a crença no poder do Divino Pai Eterno.

3.1 Percurso realizado pela comitiva da Fazenda Capivari até a cidade de Trindade

Na última semana de junho, todos os anos, os devotos da Comitiva reúnem-se na fazenda que tem como proprietário o Sr. Maurício um dos organizadores da comitiva para saírem rumo a Trindade. Depois de um ano de preparação e organização para a tão sonhada caminhada da fé, eis que surge para os romeiros o momento da saída rumo ao local sagrado de Trindade. É o tempo da fé, emoção e entrega física e espiritual.

O pároco ressalta na Celebração o sentido da Romaria, destacando que é um jeito de manter viva a tradição sertaneja e rural, na qual está devoção nasceu. Conforme o Pároco: “Toda fé no Divino Pai Eterno começou na simplicidade das pessoas que tiram seu sustento da Terra”. Com fé e devoção esses pioneiros deram início a tradição religiosa.

Figura 21: Sr. Antônio Maurício dando as palavras iniciais na abertura da Missa



Fonte: Arquivo Pessoal

A “tradição se repete todos os anos na Fazenda Capivari município de Jandaia que tem como proprietário Sr. Maurício Faria o qual é um dos organizadores do evento. Na ocasião o padre da cidade de Jandaia é convidado a celebrar dando as bênçãos aos integrantes na saída. Movido pela fé e amizade o Sr. Mauricio Faria dá as boas-vindas e descreve o trajeto para os integrantes, além dos cavaleiros, o grupo é acompanhado por uma equipe de apoio. A viagem deve ser percorrida em cinco dias e quatro noites.

Nessa oportunidade é celebrada a missa pedindo a proteção do Santo para realização da Romaria Assim, na oportunidade são pedidos nas orações diversas

graças: ajuda financeira, saúde, paz, bem como outros agradecem com emoção as graças já alcançadas pela romaria, rogando proteção, sabedoria, paz, tranquilidade e humildade na caminhada.

Figura 22: Momento de concentração saída em romaria da Comitiva Capivari (2019)



Fonte: Arquivo Pessoal

Os romeiros participantes da comitiva com seus cavalos e mulas arreados, a postos, se concentram para a saída na Fazenda Capivari - proprietário Maurício Faria, depois de apresentado o percurso com as paradas, os mesmos estão livres de qualquer peso que possa atrapalhar durante a viagem.

Outro fator importante a se destacar: são as relações de companheirismo que são observados desde os preparativos dos devotos, que buscam parcerias patrocínios, confecção das camisas para auxiliarem nas demandas financeiras. Para o grupo, as camisas são um sinal de semelhança e de irmandade, para os que vêm de fora é identificação do grupo, representando a igualdade e união.

Os acampamentos da estrada são montados em fazendas próximas às estradas por onde os muladeiros passam, e são previamente negociados com os proprietários das fazendas tanto dos fiéis como em relação à acomodação dos animais (mulas e burros). Os animais entram no pasto onde passarão a noite. O

primeiro pouso é na Fazenda Mocinha que tem como o proprietário Sr. Humberto Machado Jaime, no município Palmeiras de Goiás.

Figura 23: Fazenda Mocinha no primeiro pouso.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Após o dia marcado pelo cansaço, os romeiros são acolhidos pelos proprietários e funcionários da Fazenda Mocinha, que é cedida todos os anos para os romeiros muladeiros com muito carinho e disponibilidade de espaço para os romeiros descansarem, repousarem e realizarem as refeições. Os romeiros acomodam seus animais e se encarregam de descarregar o caminhão de apoio, armar as barracas para em seguida realizar o devido descanso. Após a chegada ao acampamento e organização das barracas, só resta o jantar antes de dormir.

Ao chegarem às fazendas, enquanto os homens montam as barracas, o cozinheiro da comitiva o Sr. Rodrigo prepara as refeições sempre com muita fartura. O banho, por sua vez, é feito em banheiros fornecidos pelo proprietário da fazenda, porém alguns dos participantes optam por se banharem nas represas ou até mesmo em bebedouros de água dos animais.

Figura 24: As acomodações para o descanso



Fonte: Arquivo Pessoal

O material necessário é conduzido e organizado no caminhão e carros de apoio, conforme mostram as imagens. Neste caminhão, encontram-se objetos como colchões, roupas de cama, produtos de higiene, comida, barracas para o devido momento de descanso, bem como alimentação usada no percurso da viagem. Na tralha, dentro do caminhão vai tudo que precisam para o percurso, bebidas, biscoitos e bolos para o lanche, bolachas, carnes conservadas em lata, preparadas com cuidado e tendo como principal meio de conserva a banha do porco, engordado para a ocasião.

O trajeto é feito em rodovias e estradas de terra. Como manda a tradição, a vestimenta é toda baseada nos tempos passados: Calças de couro, lenços no pescoço, guaiaca e chapéu. Envolvidos pela fé os participantes deixam as famílias e o conforto de casa. Montados nas mulas e burros saem rumo a capital da fé o que nos leva a perceber então, que são essas memórias que levam ao resgate cultural.

Após mais um longo dia de caminhada a romaria chega ao segundo pouso (Figura 25), sendo este na Fazenda Taboquinha cujo proprietário é o Sr. Dorival Ferreira, município de Campestre. Os funcionários da fazenda sempre estão preparados para acolherem a romaria. Em cada lugar que paramos realizamos um momento de oração em agradecimento ao Divino Pai Eterno. Cada parada é um momento único, pois, compartilhamos com alegria cada parte do percurso e as eventualidades que acontecem com cada integrante.

Figura 25: À esquerda a Chegada e a direita a saída do segundo pouso.



Fonte: Arquivo Pessoal.

O ambiente nos pousos dos romeiros é alegre e descontraído, com modas de viola fazendo com que os participantes conversem entre si, troquem relatos de experiências de vida, alguns até se divertem numa mistura entre o sagrado e profano. Após o jantar (Figura 26) muitos se recolhem para repousar, mas sempre tem alguns que ficam acordados até de madrugada brincando, bebendo, jogando e trocando experiências.

O relato do Sr. Jerônimo, 28 anos, descreve uma graça recebida.

A Fé no Divino Pai Eterno é o maior motivo. Na viagem tem os momentos de descontração mais não deixamos do foco de lado. Todos nós vamos aos pés do Divino Pai eterno agradecer e pedir que proteja e abençoe os nossos familiares e amigos. (Jerônimo Pereira Lopes Neto, junho, 2019).

Figura 26: Jantar do segundo pouso.



Fonte: Fonte: Arquivo Pessoal.

Antes do nascer do sol, todos se preparam para continuar a jornada. Assim iniciamos o terceiro dia de romaria, após o café da manhã; todas as bagagens retornam para o carro de apoio à medida que a tropa vai saindo do pouso, formam-se alguns grupos: além dos muladeiros pioneiros, também jovens. A rede de sociabilidade que se forma na romaria amplia as relações dos romeiros para fora da esfera restrita do seu lugar de origem e, ao mesmo tempo, dinamiza as relações familiares, entre famílias e entre os gêneros.

O terceiro pouso acontece na Igreja Católica (Figura 27) do povoado de Santa Maria. Quando chegamos ao local cuidamos dos animais e organizamos o espaço de descanso, pois, ao longo do terceiro dia muitos já se encontram cansados da viagem, mas, a fé no Divino Pai Eterno e os exemplos de perseverança presenciados entre os integrantes da comitiva, revigoram as energias.

Pousando em fazendas e almoçando em beiras de riachos, os devotos pedem a bênção ao Pai Eterno, que roga por saúde e proteção a todos os fiéis e animais. Nestes momentos os animais têm que ter um bom descanso, uma boa alimentação, porque o dia de jornada deles é arduo. Pode-se perceber que a cada momento eles se depara com um terreno diferente, por isso o esforço físico é grande.

Figura 27: A primeira foto registra a chegada do terceiro pouso em Santa Maria a segunda foto a saída do pouso.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Na madrugada do quarto dia, todos os integrantes acordam bem cedinho tomam café e retornam ao percurso onde as pessoas ajudam-se mutuamente para dar conta do trajeto, cientes de que a jornada já está quase concluída. O quarto e último pouso do trajeto é realizado na Fazenda Três Furnas, (Figura 28) a qual tem como proprietário o Sr. Mário de Melo, já no município de Trindade.

A descrição etnográfica da romaria Muladeiros da Comitiva Capivari em seu trajeto possibilita apresentar um contraponto. Os muladeiros devotos se destacam dentro do comboio e geralmente disparam na frente da romaria e vão parando nos

rios para se refrescarem, ou esperam a caravana nos povoados. Entre um pouso e outro se forma uma rede de sociabilidade que ultrapassa os limites dos municípios de origem desses cavaleiros, que vêm na romaria uma oportunidade de encontrarem conhecidos e amigos de outras cidades. Nos pousos, à medida que os cavaleiros e muladeiros vão chegando se apressam em tirar os arreios dos cavalos para providenciarem o acampamento e aproveitarem ao máximo da tarde para descansar. O clima é de festa e de alívio por estarem tão próximos de Trindade.

Figura 28: Chegada do quarto pouso na Fazenda Três Furnas



Fonte: Arquivo Pessoal.

Quando chegam ao santuário, depois de quatro dias de viagem, os romeiros muladeiros, junto com grupos de outros municípios, participam de um desfile que inaugura o início das festividades no santuário de Trindade, (Figura 29). Um grande público se aglomera nas ruas para ver muladeiros passarem e com eles, relembrem seus antepassados, suas conquistas e progresso, traçados nas raízes do homem do campo. Além do desfile, o evento conta também com apresentações musicais sempre ao final do encontro, em praça pública.

Figura 29: Chegada a Matriz Velha.



Fonte: Arquivo Pessoal.

A entrada triunfal na cidade sagrada representa uma participação fundamental na festa, celebrando e valorizando não somente este antigo meio de transporte, mas também um símbolo central que remete à identidade de ser romeiro originário da zona rural.

3.2 Narrativas de Pioneiros e Integrantes da Comitiva Capivari

Ao entrevistar o Sr. Mauricio Faria, pioneiro e organizador do evento quando indagado há quanto tempo ocorreu à primeira romaria da comitiva o mesmo ressalta que há 14 anos, e que tudo começou quando ele decidiu reunir primos na primeira e depois surgiu a ideia de irmos à comitiva do Mauricio, vamos à Comitiva Capivari e eu me vi na obrigação de coordenar, porque quando junta um número grande de pessoas tem que ter alguém para coordenar, o coordenador tem que pensar o início até a chegada até a volta, tem que pensar quem vai, quantas pessoas vão, a compra das camisas, a confecção do uniforme, a celebração da missa da saída, a cozinha, a tropa, o frete do transporte desses animais, o local dos pousos principalmente, porque quando você vai com meia dúzia de pessoas você pousa em qualquer lugar, mas com o número de participantes que temos hoje que dá em média 45 a 50 pessoas não é

qualquer lugar que você acha para o pouso e lugar para ficar os animais, pois, os animais precisam descansar, seis meses antes começo a fazer as visitas e marcar os lugares onde faremos o pouso e fazendo os compromissos pra poder fazer o melhor para os integrantes da comitiva, minha função é fazer o melhor para todos.

Mediante essa devoção o Sr. Mauricio Faria (65 anos) destaca que as bênçãos:

São incontáveis, pelo fator de acordar todos os dias de manhã e estar vivo já e motivo para agradecer e de ter a graças de acordar e ter um dia abençoado já é uma bênção que a gente recebe e acredita em ser superiores bênçãos e os pedidos que fazemos são atendidos, pois diariamente pedimos bênçãos e proteção e sempre recebemos a graças isto basta para viver a vida com nossos familiares em harmonia. Em relação às contribuições financeiras dos integrantes da Comitiva Capivari, ele ressalta que tudo é rateado entre os integrantes, por isso os preparativos começam bem antes para dividir igualmente entre todos, as vezes o valor não dá, e daí fazer outro rateio na estrada para conseguir cumprir com todos os compromissos feitos (Mauricio Faria, junho, 2019)

Existem várias classes sociais entre os participantes, na romaria temos fazendeiros, comerciantes, religiosos, barbeiros, delegados, professores, profissionais liberais, entre outros, isso se dá através da cultura religiosa de cada um, homens devotos ao Divino Pai Eterno, e que querem expressar sua gratidão por uma bênção recebida ou intenção que pretende alcançar, e também a parte de resgate de valores com a participação festiva durante a viagem que realizamos, agregação dos laços de amizade e companheirismo, através da união de pessoas que estão distantes e nesta época se unem num ato de fé e perseverança reafirma a Fé e reencontro com familiares, filhos, irmãos, e colaboradores das fazendas.

Segundo D. Maria Batista dos Santos Ferreira (professora 71 anos) se comove ao falar da tradição familiar:

Desde muito pequena em nossa família, se falava com muito amor e respeito sobre as bênçãos e milagres do Divino Pai Eterno. Cresci neste meio de fé, devoção, amor e respeito, nesta época comecei a ir com família e amigos, exclusivamente para Santa Missa. Já se falava em beco dos aflitos e os pais tinham medo de perder suas crianças, hoje quando lembro fico imaginando um movimento tão pequeno para tanto medo. (Maria Batista dos Santos Ferreira, junho, 2019).

Ao destacar a devoção D. Maria Batista dos Santos disse ainda que pretende realizar muitas outras romarias, com muita fé e devoção ao Divino Pai eterno, visto que este é um compromisso religioso da família que carrega as bênçãos desde a sua infância.

Para o Muladeiro Jerônimo, 28 anos:

Ao chegar à Matriz é uma emoção diferente e maior a cada ano. “Nossa comitiva é muito unida. E nesse momento temos muito para pedir e, principalmente, para agradecer ao nosso Pai. É um ajudando o outro e nós chegamos com o coração cheio de alegria, prontos para voltar no próximo ano”. (Jerônimo Pereira Lopes. Neto, junho, 2019).

A continuidade é também uma projeção do horizonte entre passado e presente, o qual ele interpreta e reinterpreta à sua maneira. Nesse contexto o ato da devoção ao Pai Eterno vem de uma identidade internalizada, e na sua visão é como se ele se separasse do horizonte e retornasse a ele num movimento involuntário.

Ao chegar ao santuário os romeiros devotos vão para o beijamento da fita, visto que só consideram cumpridas a sua caminhada de fé ao passarem pela fita do beijamento (Figura 30). Localizada ao fundo da Basílica, os devotos fazem fila para passar pelo local, se benzer com a fita e fazer uma breve oração diante da imagem do Divino Pai Eterno, pedindo proteção e rezando diante da imagem do Divino Pai Eterno.

Figura 30: Fita do beijamento santuário do Divino Pai Eterno Trindade (2013, 2015 e 2019)



Fonte: Arquivo Pessoal.

É o momento de pedir a bênção aos pés da Imagem do Pai Eterno, tanto na Igreja Matriz de Trindade, quanto no Santuário Basílica. Para a maioria, o ato é uma forma de receber a bênção aos pés da Imagem do Divino Pai Eterno.

Desde pequena a minha mãe ensinou que o principal é passar por aqui. “Então, até hoje eu venho aqui e é a primeira coisa que eu faço, depois sigo para fazer outras coisas aqui na Festa, que por sinal está maravilhosa”, declarou a devota (Maria Batista dos Santos Ferreira, junho, 2019).

Como explica um dos integrantes da Comitiva (Sr. Sebastião Soares 70 anos):

O ato de devoção expresso pela Romaria significa a representação da minha fé vivida, a minha religião colocada em prática e junto da Festa do Divino Pai Eterno agradecemos as bênçãos recebidas durante o longo caminho da nossa vida. (Sebastião Soares, junho, 2019).

Os romeiros empenham-se na construção do mundo e tentam de diversas maneiras resgatar a si próprios, dar sentido às suas existências. Constitui elemento importante da esfera religiosa, para eles e elas, o dispor-se de si para colocar-se à disposição de outros. No fundo, colocam o caminho diante de uma realidade dupla, marcada pela dor e pela alegria, o que faz entender o verdadeiro significado de lugar sagrado.

Conforme destaca o Integrante da Comitiva Sr. Paulo Júnio de Carvalho Giron (11 anos de Romaria).

Enfrentamos alguns obstáculos como poeira e o frio, mas fomos criados em meio rústico e não nos incomodamos com isso, pois é uma viagem em agradecimento ao Divino Pai Eterno. Esforço feito por amor ao Pai. Momento de renovar a fé. Voltamos para casa diferente, com paz no coração, uma fé maior em Deus. (Paulo Júnio de Carvalho Giron, junho, 2019)

A relação de sociabilidade mostrada presente na Comitiva Capivari, ganha uma coloração ainda mais intensa, pois eles não compreendem o grupo de romaria apenas como pessoas com um objetivo em comum. A noção dos companheiros de viagem sendo vistos como uma família aflora com frequência. Esse olhar que aproxima de forma tão viva os indivíduos corrobora com a própria formação da devoção e das práticas que se apresentam durante a cavalgada.

Figura 31: Comprimentos e agradecimentos aos Muladeiros.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Nesse elo de parceria a romaria permanece como um componente importante da vida religiosa bem como promove uma parceria de amizade. Tem em comum a viagem em grupos, a rota tradicional, a veneração diária, o culto da relíquia, ex-voto deixado pelo milagre recebido; enfim, a memória traz motivações e indica que se deve partir.

3.3 O Trajeto Enquanto Peregrinação

Para compreender o ato de peregrinar na dimensão da renovação espiritual, faz-se necessário desenhar um percurso no sentido de construir núcleos conceituais e se entrelaçem no trajeto.

Primeiramente, partindo-se do entendimento de romaria como uma prática religiosa e, no presente caso, de uma romaria a um santuário católico que envolve devoção a ao Divino Pai Eterno. O percurso é realizado pelo Romeiro ou Peregrino. Por outro lado, a romaria compreende deslocamento em cuja motivação estaria uma devoção, ou na busca de experiência em relação ao sagrado.

Portanto toda peregrinação nos leva reflexão, visto que por causa da fé peregrinam-se para alimentar e se fortalecer na devoção. Por isso, toda peregrinação tem por objetivo de levar os fiéis a darem valor às coisas de Deus e a permitir que Ele seja o centro da vida.

Na obra *Peregrinos e Centros de Peregrinação de França* (2017), apresenta outros arranjos usados. Conforme a primeira partida, no título de: los romeros e de los peregrinos dando a eles o seguinte conceito:

- ✓ Romeiros e peregrinos são homens que fazem suas romarias e peregrinações para servirem a Deus ou honrarem os Santos; e por desejo de fazer isso, apartam-se de seus lugares, e de suas mulheres, e de suas casas, e de tudo que possuem, e vão por terras alheias, flagelando os corpos, e despendendo os averes, buscando os santos. O peregrino, mais do que viajar, subordinava a organização de sua existência à viagem, confundindo esses dois planos o de existir e o de vagar, pois buscava não uma simples aproximação dos lugares pisados por Cristo ou consagrados pelos milagres, mas um retorno espiritual à casa de Deus.

- ✓ Romeiro considerado tanto ao homem que se aparta de sua terra, e vai a Roma para visitar os Santos Lugares, em que jazem os corpos de São Pedro e São Paulo, e dos outros santos, que sofreram martírio por Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim romeiro é o homem que segue em romaria, viajando para um lugar santo

Porém, os mais significativos contornos comuns aos “romeiros” e “peregrinos”: em termos ideais, eles honram a Deus, servem aos santos, , mas deslocam-se por longas e estranhas terras, abandonando, como estrangeiros neste mundo, suas terras, bens e mulheres. Como se vê, a princípio, em uma perspectiva teológico-sacramental e religiosa, os romeiros e peregrinos são vistos como sujeitos masculinos e estrangeiros penitentes. Na realização do deslocamento, seja de peregrinação, e romeiros, ora, ao contrário, adotando uma posição de marcar as especificidades e diferenças entre estas duas categorias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, nosso objeto de estudo concentrou-se em compreender o ato de fé que se submete os fiéis na Romaria de Muladeiros em devoção ao Divino Pai Eterno, que acontece todos os anos no percurso de Jandaia até a capital da fé. A Romaria já é uma tradição do povo jandaiense no aspecto sagrado. Neste sentido, buscou-se discutir as motivações que levam esses devotos, a seguirem a tradição sempre no coletivo, mostrando a união, por meio da fé e da força da família, que ao passar dos anos, traz consigo guardados suas experiências e propagam suas histórias de fé e religiosidade passando a cada geração uma herança cultural religiosa.

A romaria é composta por um número significativo de participantes, na perspectiva de dar voz ao povo goiano. A amplitude que as análises acadêmicas exigem, ao analisar o caminhar da romaria é desafiador. O cotidiano dos devotos do Pai Eterno e as suas relações, em específico no que diz respeito à Romaria de Muladeiros Comitativa Capivari, é uma prática que perdura até os dias de hoje. Na romaria, o muladeiros devotos do Pai Eterno, buscam fazer o percurso de 114 quilômetros de Jandaia a Trindade, que só termina depois que todos perpassaram pela fita sagrada e agradecem a vitória concedida, recebendo a benção do sacerdote. Momento que muitos se emocionam diante da imagem do Divino Pai Eterno, enquanto alguns romeiros renovam suas promessas, e desejam voltar no ano seguinte. A promessa é feita na ida até o Novo Santuário Basílica.

Após cumprir suas promessas, os romeiros vão desfrutar das novenas, das missas e pregações da igreja, além, é claro, de usufruir do entretenimento da cidade. Torna-se um elemento essencial nessa busca de estudos, o catolicismo popular diante das manifestações mais simples dos romeiros, que expressam espontaneamente sua devoção.

A temática deste estudo, entre outras análises, pode ser considerada como ponto de partida para outros pesquisadores, visto que abre novas lacunas e possibilidades interpretativas, seja desse recorte temático em específico, seja relacionado ao tema em geral, a fim de compreender melhor, os fenômenos culturais religiosos, que por meio da tradição, os devotos cultuam suas crenças e registram as suas manifestações de fé, nos ritos executados.

Os ritos (re) inventados pelos romeiros tornam-se visíveis na relação com o sagrado. A importância dos ritos idealiza o poder simbólico de mediação com o divino, que estes possuem, bem como a consideração pelas pessoas que os transmitiram. A imagem do Divino Pai Eterno atravessou as gerações ganhando significados sociais e religiosos, adquirindo no imaginário popular características amplas. A nossa visão externa jamais conseguiria captar com profundidade o que de fato é a experiência do romeiro.

Não há detalhes que expliquem plenamente ou que esgotem o sentido da romaria, pois nela é forte a dimensão emocional/espiritual. Portanto, podemos afirmar, que pelo ato de fé os romeiros reforçam seu sentimento de pertencimento, de identidade, expressas pela religiosidade cultivada pelo grupo. Assim, a prática deste ritual faz os romeiros sentirem-se verdadeiros devotos próximos do Pai Eterno.

A tradição mediada na Comitiva Capivari se estende até à tradição da romaria dos tropeiros numa estrutura coletiva organizada, garantida pela própria devoção e se resume em ser um momento ímpar de sociabilidade dos romeiros devotos do município de Jandaia sendo reforçada aos ritos que determinam as atuações coletivas e de recepção e acolhidas dos tropeiros feita pelos proprietários das fazendas.

O legado passado pelo menos para um dos filhos homens já é um indício, ou pelo menos uma esperança da continuidade da devoção e da tradição da comitiva dentro da família, assim a devoção atravessa gerações.

Os devotos romeiros por sua vez celebram seus valores através da celebração ao Divino Pai Eterno, sendo o compromisso que se faz quando se é introduzido na tradição, o agradecimento ao santo, principalmente porque a relação com o sagrado se faz através da própria experiência que incorpora a cultura sertaneja rural.

A Comitiva Capivari por ser uma tradição local que representa para os habitantes um vínculo com um passado caracteriza o município definindo sua identidade no que diz respeito ao contexto da devoção, visto que atualmente, essa romaria revela um revigoramento dessas práticas, associadas a várias procedências, faixas etárias e formações, que se agregam por um curto período de tempo a cada ano: famílias extensas que reúnem pioneiros e integrantes da cidade, compadres, amigos, padres, peões, aqueles que viajam pagando promessas, e ainda os que vão por diversão.

No cotidiano da cavalgada, todos experimentam um estilo de vida diferenciado, pois a romaria possibilita o estabelecimento de redes de relações mais amplas, mediadas pela devoção na peregrinação ao Divino Pai Eterno, em que a criação de vivência comunitária aparece nos discursos dos romeiros, com os mesmos objetivos a serem alcançados.

O deslocamento (trajeto) torna foco do ritual em que a romaria propicia ao devoto uma aproximação maior com o sagrado, e deste modo maximiza o valor da promessa. Durante a viagem em espaço e tempo estabelece-se a conexão entre dois domínios: o sagrado e o profano, que podem ser aproximados através da lógica dos interesses de cada um.

O espaço ritual possibilita uma pequena rearticulação das formas de sociabilidade, proporcionada principalmente pela formação de grupos diferenciados, e por “estado civil” sendo que os jovens buscam mais o momento de diversão e essas relações vão sendo estabelecidas no cotidiano.

Essas diferentes atividades durante a viagem demonstram que a festa mantém elementos que constitui o sagrado e o profano, muitas vezes interligados. É importante ressaltar que o incremento dessas atividades nos últimos anos pode ser visto como acontecimentos de uma sociedade cada vez mais secularizada, e que utiliza a ocasião para organizar na cidade um polo temporário de comércios que utilizam da festa para visar lucros.

Os romeiros mostram suas crenças e registram as suas manifestações culturais nos ritos executados. As romarias são também resultado de promessas feitas ao Divino Pai Eterno, e como forma de agradecimento, ao Pai Eterno, representam a gratidão de um povo, mediada de comunicação de valores e de manipulação de símbolos conhecidos como próprios dos grupos representados.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira de. *Pequenas romarias para pequenos santos: um estudo sociográfico do dia de finados*. Dissertação (Mestrado Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- ANUAS: *Correspondências dos redentoristas: (1904-1920)*. Aparecida do Norte. 1992.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 14.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; *Identidade e Etnia*. Editora Brasiliense, 1986.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. Uberlândia: Ed. EDUFU, 2007
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece e Bênção: Espiritualidades Religiosas no Brasil*. Aparecida / SP: Editora Santuário, 2009.
- COELHO, Tit Oliveira. *O comércio varejista periódico no tempo-espaço da festa do Divino Pai Eterno em Trindade*. 2003.p.145. Dissertação de Mestrado em Geografia. Goiânia, IESA/UFG, 2003.
- COMPÊNDIO da Doutrina Social da Igreja, número 484.
- CROATTO, José Severino. *Mito e interpretação da realidade*. In: _____. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rd Rocco. Rio de Janeiro. 1986.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas*. Vol. I: Da idade da pedra aos mistérios de Elêusis. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FLORES, Pe. Jesus. *CSSR Colaborador do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno em Trindade 2018*.
- FRANÇA, Susani Silveira Lemos, NASCIMENTO, Renata. C. S e LIMA, Marcelo *Pereira Peregrinos e peregrinação na Idade Média*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- GIDDENS, A. *Risco, confiança e reflexividade*. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Antony; LASH, Scott (orgs.). São Paulo: EDUSP, 1991.

- GOMES FILHO, Robson Rodrigues. *O movimento de “santa Dica” e a Ordem Redentorista em Goiás (1923- 1925)* [manuscrito] / Robson Rodrigues Gomes Filho - 2012.
- GOMES, Pe. Antônio. *Santuário Basílica do Divino Pai Eterno - História, Fé e Devoção*, Ed Scala, 2005.
- GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o *tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural*. In: *Historiae*, v.3, n.3, Rio Grande, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. Editora Revista dos Tribunais Ltda, São Paulo-SP, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/brasil/go/trindade/panorama>.
- IOGNA-PRAT, D. Construir lo sagrado y edificar la sociedad en el Occidente medieval (500-1500). In: *Construir lo sagrado en el Arte Medieval. Reliquia, espacio, imagen y rito*. Aguilar de Campo (Palencia): CODEX AQUILARENSIS. 32, 2016.
- IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Portal. IPHAN. gov.br. Consultado em 28 de abril de 2017
- HUBERT. Marcel MAUSS e Henri Ensaio Sobre a Natureza e a *Função do Sacrifício* In; *Ensaio de Sociologia*, 2º ed., São Paulo, Perspectiva, 2001.
- MANUAL do Devoto do divino Pai Eterno 2ª edição Scala Editora 2012
- MAUSS, M.; HUBERT, H. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2005. 174p.
- NASCIMENTO, Renata. C. S. *Santidades Ibéricas: Entre o sagrado e o profano*. *História Revista*, v. 24, p. 156-168, 2019.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Projeto História*, São Paulo, 1993.
- PAIVA, G. *A Província Redentorista de São Paulo (1894-1955)*. São Paulo: Editora Santuário, 2007.
- PEREZ, Léa F. *Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil*. Porto Alegre: Medianiz, 2012
- POLLACK, Michel. *Memória e identidade social. Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p. 201.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. *A devoção como núcleo da experiência religiosa*. In: Ramos Neto, João O. (Org.). *Autoridade e Poder: estudos interdisciplinares de História do Cristianismo*. 1ed.Sao Paulo: Reflexões, 2013, v. 1, p. 13-28.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. “*Conversão com diversão? Ou como o catolicismo fez as pazes com o cinema durante a Primeira República em Goiás*”. *Revista História da UEG*. v.2 n.1. pp.15-28. jan/jul. 2013.

RITUAL ROMANO – *Celebração das bênçãos*, n.1085.

ROCHA, Thaíse Sá Freire. *Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF*. ANPUH. Encontro Regional XVIII, Mariana – MG, 2012: Disponível em: http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340766055_ARQUIVO_Artigo-Anpuh.pdf, acesso em: 16/10/2019.

SANTOS, Alexandre Anselmo dos. *São João do Guarani*. In: *Revista Uirapuru Turismo, Devoção e Cultura*. Rio Branco: EDUFAC, ano 2, nº 2. 2010.

SANTOS, Leila Borges Dias. *Ética da súplica: catolicismo em Goiás no final do século XIX. Goiânia*: Ed. Da UCG, 2008.

SILVA, Alessandra Bezerra da O caminho para Deus[manuscrito]: *a romaria do Divino Pai Eterno de Quirinópolis a Trindade-Goiás/ Alessandra Bezerra da Silva*. -- 2017.

SILVA, Welinton Pereira. *A Novena Televisiva dos Filhos do Pai Eterno: Um estudo de caso sobre o impacto da mensagem no telespectador*. Monografia científica (Especialização em Cultura e Meios de Comunicação: uma abordagem teórico-prática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito*. 1903 - Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010493132005000200010&script=sci_arttext 1995.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Ed. Vozes. Rio de Janeiro. 1996.

STEIL, Carlos Alberto. *Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa*. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, v. 9, n. 20, p. 249-261, out. 2003.

TURNER, Victor. *Floresta dos símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF. 2005.

VAZ, R. *Da separação Igreja-Estado em Goiás à nova cristandade. (1891-1955)*. 1997. 332f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS/AS

DE MOURA, Romulo Vicente. Depoimento. Entrevista concedida ao autor Euripedes Pereira Guimarães Filho. No percurso da romaria da Comitiva Capivari rumo a Trindade, entre os dias 01 a 05 de junho, 2019.

DELIBERTO, Humberto Assis. Depoimento. Entrevista concedida ao autor Euripedes Pereira Guimarães Filho. No percurso da romaria da Comitiva Capivari rumo a Trindade, entre os dias 01 a 05 de junho, 2019.

DELIBERTO, Laurito Nazaré Alves. Depoimento. Entrevista concedida ao autor Euripedes Pereira Guimarães Filho. No percurso da romaria da Comitiva Capivari rumo a Trindade, entre os dias 01 a 05 de junho, 2019.

FARIA, Adriana Montagno. Depoimento. Entrevista concedida ao autor Euripedes Pereira Guimarães Filho. No percurso da romaria da Comitiva Capivari rumo a Trindade, entre os dias 01 a 05 de junho, 2019.

FARIA, Antônio Maurício do Vale. Depoimento. Entrevista concedida ao autor Euripedes Pereira Guimarães Filho. No percurso da romaria da Comitiva Capivari rumo a Trindade, entre os dias 01 a 05 de junho, 2019.

FARIA, Mauricio Antônio do Vale. Depoimento. Entrevista concedida ao autor Euripedes Pereira Guimarães Filho. No percurso da romaria da Comitiva Capivari rumo a Trindade, entre os dias 01 a 05 de junho, 2019.

FERREIRA, Eduardo Batista. Depoimento. Entrevista concedida ao autor Euripedes Pereira Guimarães Filho. No percurso da romaria da Comitiva Capivari rumo a Trindade, entre os dias 01 a 05 de junho, 2019.

FERREIRA, Maria Batista dos Santos. Depoimento. Entrevista concedida ao autor Euripedes Pereira Guimarães Filho. No percurso da romaria da Comitiva Capivari rumo a Trindade, entre os dias 01 a 05 de junho, 2019.

GIRON, Paulo Junio de Carvalho. Depoimento. Entrevista concedida ao autor Euripedes Pereira Guimarães Filho. No percurso da romaria da Comitiva Capivari rumo a Trindade, entre os dias 01 a 05 de junho, 2019.

JARDIM, André de Faria. Depoimento. Entrevista concedida ao autor Euripedes Pereira Guimarães Filho. No percurso da romaria da Comitiva Capivari rumo a Trindade, entre os dias 01 a 05 de junho, 2019.

NETO, Jerônimo Pereira Lopes. Depoimento. Entrevista concedida ao autor Euripedes Pereira Guimarães Filho. No percurso da romaria da Comitiva Capivari rumo a Trindade, entre os dias 01 a 05 de junho, 2019.

SANTANA, Gilberto da Rocha. Depoimento. Entrevista concedida ao autor Euripedes Pereira Guimarães Filho. No percurso da romaria da Comitiva Capivari rumo a Trindade, entre os dias 01 a 05 de junho, 2019.

SOARES, Sebastião José. Depoimento. Entrevista concedida ao autor Euripedes Pereira Guimarães Filho. No percurso da romaria da Comitiva Capivari rumo a Trindade, entre os dias 01 a 05 de junho, 2019.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

**Tema: HISTÓRIA DE FÉ E TRADIÇÃO CULTURAL DA COMITIVA CAPIVARI:
Romaria de Muladeiros Devotos do Divino Pai Eterno.**

Categoria: Romeiros Jandaienses

Nome:

Idade:

Atividade Profissional:

Endereço:

Sexo: Feminino () Masculino ()

- 1) Há quanto tempo participa da Festa do Divino Pai Eterno?

- 2) O que a(o) levou a participar da Festa do Divino Pai Eterno?

- 3) O senhor(a) participa de outras romaria no estado de Goiás ou fora dele? Se sim, quais e onde?

- 4) Qual o significado da Festa do Divino Pai Eterno?

- 5) Já recebeu alguma graça na Festa do Divino Pai Eterno?

- 6) Sua família o(a) acompanha na Romaria?

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

Tema: HISTÓRIA DE FÉ E TRADIÇÃO CULTURAL DA COMITIVA CAPIVARI:
Romaria de Muladeiros Devotos do Divino Pai Eterno.

Categoria: ORGANIZADORES DA COMITIVA CAPIVARI:

Nome:

Idade:

Atividade Profissional:

Endereço:

Sexo: Feminino () Masculino ()

- 1) Como que procedeu essa formação da comitiva Capivari para ir a Trindade em Romaria?

- 2) Como se dá a organização, o preparativo para saída da comitiva?

- 3) Quando ocorreu a primeira romaria da comitiva?

- 4) Quais são os motivos que leva a comunidade a participar da comitiva, uma vez que existem participantes de várias classes sociais?

- 5) Qual o significado e quais as bênçãos que você já recebeu do Divino Pai Eterno?

- 6) Qual é a sua função na comitiva?

- 7) Como são feitas as contribuições financeiras dos integrantes da Comitiva Capivari?